



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES – PPGARTES**

**JORGE LUCAS FARIAS BARROS (DIGESTIVO)**

**DIGESTIVO: Trajetória de Experimentação de um Corpo em Fluxo**

**Belém**  
**2023**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - UFPA**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES – PPGARTES**

**JORGE LUCAS FARIAS BARROS (DIGESTIVO)**

## **DIGESTIVO: Trajetória de Experimentação de um Corpo em Fluxo**

Defesa de dissertação de mestrado para obtenção de título de mestre, no Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade Federal do Pará – UFPA- PPGARTES.

Orientadora: Profa. Dr<sup>a</sup>. Iara Regina da Silva Souza

**Belém**  
**2023**



**O presente trabalho foi realizado com apoio da coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior – Brasil (CAPES)  
Código de financiamento 001**

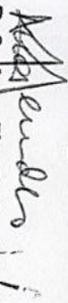
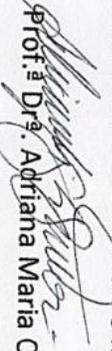
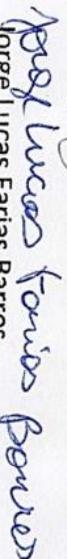


INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ.

Aos dez (10) dias do mês de setembro do ano de dois mil e vinte e três (2023), às dezenove (19) horas, a Banca Examinadora instituída pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, reuniu-se, sob a presidência da orientadora professora doutora Lara Regina da Silva Souza, conforme o disposto nos artigos 73 ao 77 do Regimento do Programa de Pós-Graduação em Artes, para presenciar a defesa oral de JORGE LUCAS FARIAS BARROS, intitulada: **DIGESTIVO: trajetória de experimentação de um corpo em fluxo**, perante a Banca Examinadora composta por Lara Regina da Silva Souza (Presidente); Ana Flávia De Mello Mendes (Examinadora Interna); Adriana Maria Cruz Dos Santos (Examinadora Externa). Dando início aos trabalhos, a professora doutora Lara Regina da Silva Souza, passou a palavra ao mestrando, que apresentou a sua poética e logo depois fez a defesa do memorial com duração total de 0h40min, seguido pelas arguições dos membros da Banca Examinadora e as respectivas defesas pelo mestrando, após o que a sessão foi interrompida para que a Banca procedesse à análise e elaborasse os pareceres e conclusões. Reiniciada a sessão, foi lido o parecer, resultando em **Aprovado, com conceito Excelente, indicação para publicação e circulação da poética**. A aprovação do trabalho final pelos membros será homologada pelo Colegiado após a apresentação, pelo mestrando, da versão definitiva do trabalho. E nada mais havendo a tratar, a professora doutora Lara Regina da Silva Souza agradeceu aos presentes, dando por encerrada a sessão. A presente ata que foi lavrada, após lida e aprovada, vai assinada, pelos membros da Banca e pelo mestrando.

Belém-PA, 10 de Setembro de 2023.

Prof.ª Dr.ª  Lara Regina da Silva Souza  
Prof.ª. Dr.ª  Ana Flávia De Mello Mendes  
Prof.ª Dr.ª  Adriana Maria Cruz Dos Santos  
 Jorge Lucas Farias Barros

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- F224d Farias Barros, Jorge Lucas.  
DIGESTIVO: Trajetória de um corpo em fluxo / Jorge Lucas  
Farias Barros. — 2023.  
cxxx, 130 f. : il.  
Orientador(a): Profª. Dra. Iara Regina da Silva Souza da Silva  
Souza  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,  
Instituto de Ciências da Arte, Programa de Pós-Graduação em  
Artes, Belém, 2023.  
1. Corpo em Fluxo. 2. Experimento . 3. Desejo . 4.  
Matéria. I. Título.

---

CDD 790

## RESUMO

Esta pesquisa propõe investigar a fabulação de um corpo em fluxo que descobriu possibilidades de materializar seus desejos em experimentos. De princípio, a matéria “fibras siliconadas” se tornaram material primordial para pesquisar - experimentar o corpo, estabelecendo a demarcação de uma trajetória criativa que acumulou-se e formou um grande acervo de obras, evidenciando a existência e potência desse corpo em fluxo, fomentando imersão de formas e não formas de experimentar - materializar seus desejos em diversos campos das artes. Porém, foi necessário pesquisar e experimentar para desvendar as possibilidades contidas no corpo - fluxo - desejo, mas sobre tudo um corpo que se descobriu anômalo, por contradizer a normatividade-regras que possam ser estabelecidas em seu fazer; demonstrou ir além da capacidade humana ao ultrapassar limites, extrapolando o controle – compreensão do próprio corpo. Nessa pesquisa – experimentação, o corpo se questiona a todo tempo ao se perguntar: Até onde um corpo em fluxo pode chegar com seus experimentos? A partir disso, objetivou-se relatar o trajeto percorrido durante a jornada em pesquisa – experimentação que revelaram não apenas a potência desse corpo – trabalho, mas a descoberta de uma pesquisa que ainda está em continuidade.

**Palavra Chave:** Corpo em Fluxo – Experimento – Desejo – Matéria.

## SUMMARY

This research proposes to investigate the fabrication of a body in flux that discovered possibilities of materializing its desires in experiments. At first, the material “silicon fibers” became a primordial material for researching - experimenting with the body, establishing the demarcation of a creative trajectory, which accumulated and formed a large collection of works, evidencing the existence and power of this body in flux, fostering immersion in ways and not ways of experimenting - to materialize your desires in different fields of the arts. However, it was necessary to research and experiment to unravel the possibilities contained in the body - flow - desire, but above all a body that was discovered to be anomalous, for contradicting the normativity-rules that can be established in its doing; it demonstrated to go beyond human capacity by surpassing limits, extrapolating control - understanding of one's own body. In this research – experimentation, the body constantly questions itself by asking itself: How far can a body in flux reach with its experiments? From this, the objective of this paper was to report the path taken during the journey in research - experimentation that revealed not only the power of this body - work, but the discovery of a research that is still in continuity.

**Keywords:** Body in Flux – Experiment – Desire – Matter.

## SUMÁRIO

<b>DIGESTIVO.....</b>	9
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	13
<b>CAPITULO I - CORPO EM FLUXO.....</b>	17
1.1 CORPO ABERTO.....	30
1.2 FLUXO É MEU DEVIR.....	41
1.3 VIAGEM DE UM CORPO EM FLUXO.....	51
1.4 ESCRITA DE UM CORPO EM FLUXO.....	58
1.5 SONHO.....	60
1.6 SENTIR DESEJO .....	62
<b>CAPÍTULO II – INUMANO - O CORPO NÃO HUMANO.....</b>	68
2.1 (RE)EXISTÊNCIA.....	74
<b>CAPÍTULO III - EXPERIMENTOS DE UM CORPO EM FLUXO.....</b>	78
3.1 CASULO.....	87
3.2 FRAGILIZADA.....	102
3.3 CASAMENTO.....	114
3.4 PROLIFERAÇÃO.....	119
3.5 MOFO.....	125
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	131
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	135

## DIGESTIVO

Olá caro (a) leitor (a).

Me chamo “Digestivo”, sou artista visual e produtor musical. Através deste texto pretendo me apresentar como a *persona* “Digestivo” para melhor demonstrar o surgimento do meu nome, e como ele foi ganhando sentidos no decorrer da minha trajetória de produção. Te convido a refletir comigo e não se limitar apenas às reflexões deste texto, mas a ter suas próprias narrativas a partir de Digestivo, tanto para o nome, quanto para suas experimentações. Antes do momento dessa pesquisa não havia refletido o sentido que este nome poderia conceber para meu trabalho e muito menos que poderia se tornar uma pesquisa. Mas a vivência como “Digestivo” me fez perceber como as pessoas ao meu redor questionavam o sentido do nome, e passavam a criar narrativas para o mesmo, na tentativa de decifrá-lo como se fosse uma charada. De tantas narrativas agregadas sobre o nome, passou-se a construir sentidos poéticos que refletiam sobre minha forma de criar, como um “sistema digestivo” que absorve materialidade para experimentar. Também, os trabalhos desenvolvidos como “Digestivo” potencializaram ainda mais esse sentido de um sistema digestivo que necessita digerir experimentos. A partir disso, reflito os sentidos que foram desenhados sobre o nome, e fomento minhas próprias reflexões a partir das vivências e experiências como “Digestivo.

Essa *persona*, surgiu entre 2018 e 2019 como uma ideia para a minha conta do *Instagram*. Queria algo que pudesse se referir à minha *persona* e às minhas produções, iniciando logo quando comecei a produzir músicas ambientes/experimentais a partir de *softwares*, para serem tocadas durante minhas apresentações performáticas. Um dos motivos da escolha do nome,

foi pela provocação curiosa que este nome manifesta há quem queira saber o “porquê” do nome “Digestivo”. Na época, ainda não existia um significado que retratasse diretamente a minha *persona* ou as minhas produções de maneira poética ou simbólica, foi apenas um nome que achei interessante para utilizar no trabalho. De tantas as especulações do nome “Digestivo”, ocasionei agregar sentido poético sobre o nome a partir de narrativas de admiradores do meu trabalho, que buscavam decifrar um sentido, que até o momento não existia.

Neste texto de apresentação e de investigação, também quero me referir a minha trajetória como “Digestivo”, na qual demarco sentidos de um “corpo que digere processos criativos”, reflexão que partiu das narrativas de admiradores dos meus trabalhos, na tentativa desvendar sentidos para meu nome, por tanta insistência de pessoas diferentes, com as mesmas narrativas, agregou-se essa leitura sobre meu nome. Aceitei o fato de que DIGESTIVO poderia ser um corpo que digere experimentos. Atualmente, esse sentido se incorporou ainda mais no meu corpo e processos, fazendo maior sentido simbolicamente para meu nome e para as experimentações desenvolvidas. Se tornou evidente o sentido do nome Digestivo à processos criativos, que são canalizadas pelo corpo - como uma corporalidade que devora e digere experimentos constantemente.

“Digestivo”, por ser um nome de um sistema do corpo, composto por todos os órgãos onde os alimentos passam para serem excretados, é responsável por processar a absorção dos nutrientes pelo organismo. Talvez este mesmo processo de digestão seja tão representativo quanto a funcionalidade do processo criativo de “Digestivo”. Pois o próprio nome já é composto pelos sentidos dos processamentos do corpo para se nutrir. Digamos que meu corpo (Digestivo) seja o “sistema digestivo” e os “alimentos” seriam a matéria do meu trabalho que por sua vez o corpo precisaria para se nutrir; e quanto aos

processos criativos, seriam os organismos responsáveis por executarem absorção dos nutrientes na materialidade sob experimentos. Digo no sentido, que “Digestivo” seja um processador criativo que necessita absorver a materialidade para experimentar, como se fosse o mesmo sistema digestivo do corpo, que executa sua necessidade e que transforma os alimentos em nutrientes para o corpo.

Importante destacar, estou me apresentando como *persona* “Digestivo” e não como um nome de projeto. Pois "Digestivo" está dentro de mim, em um lado do meu corpo que vive em delírios criativos, responsável em ter desenvolvido todas as produções criativas e experimentais desta pesquisa. Percebo “Digestivo” como meu segundo corpo, no sentido de ser uma porta abrindo para me refugiar do “mundo real”, onde consigo idealizar um mundo particular de “Digestivo” que só existe na minha cabeça. Essas ideias são canalizadas em objetos existentes, e são transmutados em experimentações para se tornarem matéria prima desse mundo fictício. Geralmente as ideias partem de uma percepção ideológica de como “Digestivo” enxerga o mundo. Além de criar experimentos muito particulares, também fomentou um visual muito característico, onde é possível ter leituras sobre as produções e identificar sua autoria, sem precisar de qualquer informação descritiva.

“Disgestivo”, passa a ser um manifesto transgressor que ultrapassa os limites estabelecidos na criação existente do mundo real em que vive, no sentido de ser uma *persona* que enxerga o mundo sem limitações, que digere este “mundo real” para absorver um universo de possibilidades e acessar um paralelo entre o real e o ficcional em seu trabalho. O processo de entendimento como “Digestivo”, surgiu como uma percepção de mim, um olhar de dentro para fora aonde se enxerga um corpo experimentador que materializa seus desejos.

FOTO 01: Capa do single fragmentos feat Yvu. 2022



Fonte: Duda Santana. Edição Yan Higa  
<https://www.instagram.com/p/Cmy19fqOxWF/>

## INTRODUÇÃO

Foram muitos os atravessamentos que me motivaram a desenvolver esta pesquisa. De princípio o foco era meu próprio corpo. Ao notar a existência de um fluxo que movimenta meu corpo a experimentar a coisa em situações do acaso e de manipulação de experimentos, dentro desta pesquisa, isto me proporcionou a expansão, tanto poética quanto estética, sobre meu corpo e trabalho, fabulando a idealização de um “corpo em fluxo”, um corpo incomum que precisou se pesquisar e experimentar para se descobrir enquanto potência anômala. Percebi que poderia ser algo muito maior daquilo que possa ser previsto – entendido - controlado, me permiti experimentar as diversas possibilidades no meu fazer-experimentar, chegando ao ponto de me idealizar como um corpo experimentador que materializa desejos.

A princípio, essa pesquisa está longe de ser um arcabouço teórico, antes, neste memorial é preciso falar da experiência que foi descobrir uma poética e estética que pode-se pensar como intrigante e confusa, que ocorre durante uma jornada que aconteceu por acaso. Um percurso sem destino que surgiu em fragmentos e ainda se mantém em constante descoberta. Em palavras, a pesquisa compõe um pouco do caos – desordem – descoberta, que foi criar experimentos corporificados e que se deslocam em direção a esquizofrenia, que problematiza sua própria humanização, ao se idealizar como “corpo em fluxo” e “inumano”, enredado pela incompreensão e desatrelado de sua capacidade incomum de sentir e criar as coisas. Mas antes de tudo isso, a pergunta que norteia esta pesquisa é: “É possível compreender um corpo que age pelo impulso, e por acaso - contradiz regras comuns e normativas do corpo-arte ao experimentar – criar coisas que por um acaso ultrapassam controle – previsão – expectativa sobre seu fazer – experimentar?” Essa pesquisa se entende com uma reflexão e imersão de possibilidades daquilo que este corpo deseja experimentar.

Na metodologia artística se busca vivenciar-experimentar aquilo que possa ser mais fluido e visceral no corpo, na tentativa de aventurar-se em experimentos que possam transmitir-materializar as formas de existência de algo que ainda não é compreendido. Reflete-se o corpo como realizador-materializador de desejos profundos do corpo, evidencializando experimentos incertos pelo impulso do corpo para pensar-agindo.

Este trabalho se divide em três capítulos: No primeiro capítulo, “CORPO EM FLUXO”, abrem-se trajetórias para refletir a possibilidade do fluxo no corpo, considerando ele o princípio da incerteza que impulsionou o corpo a prosseguir em desordem ao criar experimentos; relata a experiência do descontrole sobre este corpo, da perda de autonomia ao ser dominado pelo desejo compulsivo de materializar desejos. No segundo capítulo, intitulado: INUMANO – O CORPO NÃO HUMANO, se utiliza da narrativa de um corpo incompreendido-anômalo; também questiona o que pode ser o corpo Inumano e busca refletir a poética de um corpo temido pela sua diferença. Já no terceiro capítulo: EXPERIMENTOS DE UM CORPO EM FLUXO, é revelada a potência do fluxo, a materialização de experimentos durante a jornada em pesquisa e experimentação – composto por um acervo de criações que reverberou a possibilidade de expansão em diferentes campos das artes, demonstrando a materialização e dimensão daquilo que era inexistente no corpo, potencializando a sua existência. É importante destacar que este trabalho se construiu através de experimentos, e se manteve em constante transformação, superou qualquer perspectiva-previsão de resultados sobre ele, incluindo as práticas experimentais que intercalam a teoria e introdução sobre corpo-processo-devir; ultrapassou uma linha lógica para prosseguir em vias distorcidas e distintas do normal, erguendo-se em fragmentação e em desordem por mérito da sua descoberta e experimento. Compreende-se que esse memorial poético propõe a vivência de

um corpo incompreendido, mas sobre tudo, o seu trajeto como uma experiência que continua em descoberta ao compor acontecimentos e escrituras que ultrapassam a compreensão do próprio corpo experimentador.

Conheça meu mundo em preto e branco.

## **CAPITULO I - CORPO EM FLUXO**

São muitos os corpos que fluem em sua capacidade de experimentar o mundo. Existe aquele corpo em fluxo que reage a partir de situações do acaso e que fomentam experimentos durante suas ações de experimentar e criar “coisas”, conforme a necessidade que o fluxo do corpo deseja. Também é aquele corpo em fluxo disperso de quaisquer limitações criativas e/ou finalidade estabelecida sobre ele, e que não segue regras ou ordem cronológica. Nesta fala sem nenhuma referência, resumidamente descrevo o fluxo no meu corpo, uma fabulação de um corpo experimentador, curioso, aventureiro e cheio dos desejos a serem descobertos ainda. Pois, o meu corpo é uma corporeidade que está em constante deslocamento, no sentido de um corpo performativo que se movimenta de linguagem para linguagens, que explora possibilidades nas formas e não formas de arte; um corpo poético capaz de materializar aquilo que deseja potenciar. Um corpo sensível, que transmuta aquilo que não tem valor em poética. Trata-se de um corpo sem limites que pode contaminar tudo que há ao seu redor e torná-lo em experimento da sua fabulação e materializar desejos.

É necessário refletir sobre a idealização de corpo em fluxo para que se possa discutir as possibilidades do fluxo no corpo, e tentar aprofundar reflexões de uma poética que ainda está em constante transformação, e tampouco compreendida em meio de tantos experimentos-questionamentos, pois para o fluxo não há uma resposta definida, e muito menos um controle estabelecido, mas se mantém reluzente em reflexões para além de um trabalho que já é compreendido e definido. Justamente por se tratar de um trabalho que está diretamente vinculado ao meu fazer artístico e relação com meu corpo, talvez seja algo muito particular para ser falado. Mas acredito que seja necessário dar voz para minha particularidade, aos sentidos, sensações

e experimentações-criações sentidas e desenvolvidas pelo meu corpo, para que se possa refletir o sentido e a idealização de corpo em fluxo, no qual se trata de um manifesto poético e sensível.

Figura 2: Performance para qualificação - ETDUFPA.

Fonte. Denys Costa 2022



Neste trabalho, não será explicado, mas sim relatado, um pouco sobre a forma que o corpo/trabalho foi sendo expressado. Também serão introduzidas as minhas vivências enquanto corpo em fluxo, para transmitir as narrativas e fabulação desenvolvida durante esta pesquisa. Aqui, não é exigida uma leitura precisa ou polida para refletir o fluxo, ele foge de uma compreensão comum. Isso não torna a pesquisa menos ou mais potente, mas quando há uma trajetória de experimento e um corpo experimentador, é algo a ser partilhado, pois nele se destacou uma essência visual e poética muito identitária e intrigante, por sinal muito curiosa, capaz de se expandir e se infiltrar por muitos campos das artes.

Ainda é muito cedo definir o que possa ser “corpo em fluxo”, mas tenho a certeza que está longe do óbvio, acredito esteja mais próximo de um paradoxo que contradiz da lógica comum. Mas ainda assim, sinto que as minhas experiências em fluxo ainda não foram suficientes para adotar alguma lógica sobre ele, e tão menos uma definição a respeito. A reflexão que mantenho sobre ele é, talvez seja preciso experimentar e vivenciar ainda mais esse fluxo, para que eu tenha alguma informação mais polida sobre, mas entendo que seja algo muito complexo que dependerá de tempo, corpo e experiências. Afinal, o fluxo não é uma receita pronta, ele acontece da maneira instantânea, que varia de corpo para corpo.

Talvez também seja cedo demais para se ter uma resposta definitiva a respeito de fluxo, o que pode haver neste momento são reflexões desse conceito idealizador. Incomoda-me um pouco, o quanto tento me obrigar a ter uma resposta do meu trabalho, eu gosto de deixá-lo solto e fragmentado, livre, sem definição, e sem resposta precisa. Mas mesmo se quisesse não conseguiria, ele é algo incontrolável e está em constante movimentação. O que eu quero trazer para a pesquisa são reflexões a respeito desse corpo em fluxo, na tentativa de expressar mais a potência do trabalho enquanto um corpo que tem facilidade

em criar coisas. É preciso refletir ainda mais sobre fluxo, quando não se tem uma resposta conclusiva, mas estou longe dessa busca de definição. Assim como ainda não existe uma conclusão, também não há uma ordem.

O fluxo que no meu corpo é tão diferente quanto de outros fluxos, e tampouco é parecido com os fluxos que já foram sentidos anos atrás. Ele mudou, já não é o mesmo. Não existe comparações que façam dele uniforme, ele é uma individualidade do meu corpo que pode ser dividida e multiplicada. O fluxo não se assemelha a um único desejo ou narrativa, podendo serem múltiplos os desejos em experimentar-criar. Segundo Deleuze e Guatari (1997, p. 41), “cada indivíduo é uma multiplicidade infinita, e a Natureza inteira uma multiplicidade de multiplicidades perfeitamente individualizadas”, dito isso, não há um único modelo de “corpo em fluxo” que possa representá-lo, e muito menos descrever o seu sentir, o que pode existir é a diversidade entre desejos e corpos, sendo o fluxo a multiplicidade e particularidade de cada corpo em fluxo, ou seja não uma representação.

Fluxo é sentir e ouvir as necessidades do corpo, o que ele tem a dizer. Tenho vivenciado o fluxo assim, experimentando coisas novas, a descobrir possibilidades em tudo que faço. O fluxo sempre me manteve consistente nos meus experimentos. Mesmo considerando a possibilidade de tudo dar errado, me fez acreditar primeiramente em mim e depois na possibilidade de nascer algo novo. Às vezes não é nada fácil perceber o fluxo que há em mim, ele surge de maneira repentina e silenciosa, é como se eu estivesse de olhos fechados, caminhando no escuro, sem me dar conta que estou em transe de sonambulismo. E durante esse sono profundo, esqueço por um momento da minha própria existência, para me dedicar apenas em materializar tais desejos, e logo quando acordo percebo que já percorri a metade do caminho. Quando o fluxo me ocorre, provoca mudança no meu comportamento, me causa uma vontade compulsiva-excessiva em materializar desejos. Acredito que devido a fixação

compulsiva ser tão natural em mim o meu corpo acaba rejeitando qualquer possibilidade de interferência-distração que possa romper o momento da materialização.

Figura 3: Performance para qualificação - ETDUFPA.



Fonte: Denys Costa 2022

É sempre muito empolgante sentir esse fluxo transbordar, se tornando cada vez mais real, sobre tudo o que tenho materializado até hoje. Ao sentir um envolvimento que penetra tanto no meu corpo, quanto no meu processo criativo, me fez enxergar significados e valores por trás daquilo que não poderia ser real, e ainda por cima acreditar no impossível e no surreal. Não há explicação ou sensação melhor que possa descrever o quão é satisfatório e simbólico acompanhar uma pesquisa que surgiu durante práticas experimentais sem qualquer intenção de expansão, mas que continua se descobrindo em campos das artes e ocupando espaços. Não existe um freio que possa parar a potência desse fluxo em mim, e tampouco os trabalhos realizados. O desejo é o que sustenta a obsessão em ultrapassar os limites.

Sentir o fluxo no decorrer do tempo, e perceber o quanto se está envolvido nele, aprende-se a experimentar o que há de mais novo em nós, para continuarmos a seguir o que é proposto sobre nossos corpos-desejos, mas sem a certeza da definição do certo e do errado, apenas seguimos a progredir em uma desordem que não é cronológica. Pra mim é muito mais fácil descrever as emoções sentidas por alguém do que tentar descrever sensações do meu fluxo. Me arrisco em tentar lembrar das inúmeras emoções vivenciadas nas diversas relações afetuosas construídas, mesmo que sejam resquícios de lembranças passadas, ainda continuam sendo nítidas até hoje. Diferente do fluxo, que me proporcionou sentir um *mix* de sensações que não são permanentes, quase impossíveis de descrever, é como se houvesse uma grande explosão de sensações momentâneas. Falo de uma sensação que me escapa em segundos, deixando apenas estilhaços desta grande explosão.

Ainda sinto uma grande dificuldade em tentar descrever ou narrar esse fluxo latente no meu corpo, apenas sinto em mim. Também dizer da minha facilidade em transmutar (sei que existe), a matéria em experimentos artísticos, podendo se materializar em explosões criativas que canalizam as diversas linguagens artísticas em manifestações híbridas do fluxo. Mas

sei muito bem transmitir o meu sentir nas minhas experimentações. Quando esse fluxo é ativado no meu corpo, sofro um acidente, dando surgimento a perfurações e cortes no meu corpo que fazem dele brechas para algo inesperado.

Mas o que eu sinto é uma grande emoção quando se descobre a possibilidade de experimentar um mundo, me provoca um desejo inquietante em descobrir o que pode existir para além desse mundo, mas isso me destorce-destrói, rompendo qualquer regra comum de racionalidade que possa existir no meu corpo, é como se eu afrontasse meu próprio “eu” e entrasse em constante transe comigo mesmo, para descobrir outras versões de mim. Não há uma descrição ideal que possa melhor relatar a sensação de sentir o fluxo, mas é algo muito visceral e pessoal, que vai depender de cada corpo. Mas lembrando, este corpo em fluxo é uma fabulação minha, baseada na potência de desejo do meu corpo, no qual tenho desenvolvido e praticado durante a pesquisa, e não necessariamente uma representação ou retratação de outros desejos, podendo ser um conector para diversos corpos que se sentem em fluxo também.

Figura 4: Performance para qualificação - ETDUFPA.



Fonte: Denys Costa 2022

O Fluxo em mim foi como uma correnteza que me levou para a profundidade de um abismo escuro e inconsciente, onde criaturas-seres jamais vistos antes eram mantidas vivas. E nessa profundeza existia o incompreendido e o bizarro, e foi nela que encontrei a essência do que era mais fluxo e desorgânico em mim. Mantive meu corpo em êxtase, conectado a uma profundidade que diz respeito a mim e ao outro, uma dádiva divina que proporcionou um mergulho no abismo da curiosidade para experimentar o que existia dentro de mim.

Figura 5: Performance para qualificação - ETDUFPA.



Fonte: Denys Costa, 2022.

## 1.1 CORPO ABERTO

Corpo aberto foi minha primeira produção artística no mestrado. Criado em outubro de 2021, durante a disciplina “Atos de Criação”. A obra me proporcionou experimentar, de maneira fluida, a possibilidade de criar um corpo inumano, sem precisar de uma fórmula pronta que me indicasse a maneira correta de criá-lo, apenas aceitei o corpo como uma possibilidade de ferramenta de experimentação, não foi preciso compreender e tampouco explicá-lo, apenas precisei senti-lo como potência.

Figura 5: Corpo Aberto, 2021.



Fonte: Digestivo, 2021.  
Direção: Digestivo. Performer: Samantha Calandrini.  
Edição: Yan Higa.  
Link : [https://www.instagram.com/p/CVtdlm11-bm/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CVtdlm11-bm/?img_index=1)

“Corpo Aberto” foi uma performance direcionada para a fotografia, que surgiu por um acaso. Um experimento aconteceu no quintal de minha casa, em Ananindeua, em uma tarde, durante um sol de meio dia. Com algumas peças de roupas do meu guarda-roupa, que utilizei para cobrir o corpo da Samantha Calandrini<sup>1</sup>, e alguns pedaços de fio barbante, pude amarrar as peças nela para modelar e manter as roupas sobre seu corpo, criando formas e proporções - modificando as formas do corpo dela. Também foi utilizado, rolos de papelões cortados e amarrados que serviram como plataformas para serem calçados. Além da formulação do corpo inumano, houve a projeção da cenografia também. Foi colocado no muro de concreto um tecido de TNT preto que isolava a parte acidentada do muro. Para os registros dessa obra, peguei o celular da Samantha para registrar a projeção que ficou no seu corpo. E para pós-produção da fotografia, houve a participação de Yan Higa<sup>2</sup>, que ficou responsável pela criação dos efeitos e edições das imagens, nas quais adicionou as ilustrações de luzes e fluído de águas nas imagens.

Este trabalho aconteceu de forma acidental, em que nada foi planejado, sem a certeza que daria certo ou que poderia tornar-se parte desta pesquisa. “Corpo Aberto” se tornou um dos trabalhos mais simbólicos, que demarcou o início dos meus experimentos com corpo e objeto, também por demarcar um momento em que me encontrava perdido e confuso em meio a tanto fluxo que percorria o meu corpo. A sensação foi de descobrir algo que ninguém poderia entender, tampouco eu naquele momento. Este foi um ponto de partida para compreensão futura desse trabalho, talvez faria mais sentido para mim após tentar outras formas de experimentar o corpo e o objeto. “Corpo Aberto”, além de trazer a relação de um corpo Não Humano,

---

<sup>1</sup> Artista visual, diretora criativa e fotógrafa.

<sup>2</sup> Artista visual e musicista.

simbolizou um início de um grande caos que ocorria dentro de mim. Foi durante sua criação que pude sentir o fluxo se alastrando no meu corpo, rompendo qualquer lógica comum considerada humana sobre o experimento, senti um pulsar desse fluxo como nenhum outro.

É curiosa a facilidade que tive para criar o "Corpo Aberto", com apenas alguns materiais comuns. Criar algo grande, lindo e valioso, de potência política e poética, trata-se de um corpo literalmente aberto para refletirem sua inumanidade a partir de narrativas não humanas.

Além das imagens de "Corpo Aberto", escrevi um texto reflexivo que pode dizer melhor sobre a visão que eu tinha desse corpo até naquele momento, tentei expressar a vivência de um corpo sensível e a luta pela sobrevivência de um corpo considerado não humano. Um texto subjetivo do corpo, que revela o que pode haver em um corpo aberto. No segundo texto trago o relato da própria Samantha, que escreveu a sensação que teve enquanto estava sustentando os acúmulos de roupas no seu corpo.

Figura 6: Corpo Aberto.



Fonte: Digestivo, 2021.

Link: <https://www.instagram.com/p/CVtdlm11-bm/?gshid=MzRIODBiNWFIZA==>

Figura 7: Corpo aberto.



Fonte: Digestivo, 2021.

Link: <https://www.instagram.com/p/CVtdlm1l-bm/?gshid=MzRIODBjNWFIZA==>

Figura 8: Corpo aberto.



Fonte: Digestivo, 2021. [ps://www.instagram.com/p/CVtdlm11-bm/?gshid=MzRIODBiNWFIZA==](https://www.instagram.com/p/CVtdlm11-bm/?gshid=MzRIODBiNWFIZA==)

“A desestrutura é uma corporalidade sem órgãos, um arcabouço vazio das necessidades de um corpo humano, mas que carrega em si, sentidos de um corpo vivo que mantém seus valores e suas finalidades de existência. Estes dizem respeito a trajetórias e vivências, que trazem narrativas de vida e refletem o significado do "sentimento humano”, relacionado a traumas, dores e amores. Entretanto, são sentimentos que machucam e causam feridas, as quais levam tempo para serem curadas e, mesmo assim, podem deixar sequelas - muitas vezes são situações incuráveis, podendo ser fatais.

A armadura de roupagem estabelece uma conexão com o corpo e a mente, explorando inflamações que habitam sob as vísceras de um organismo traumatizado, causando um rompimento dos pontos de um corte carnal, provocando uma hemorragia que jorra e transborda pela superfície da pele humana.

Talvez isso seja como um parasita, que necessita de um hospedeiro para sobreviver. Durante o contato com o corpo, logo manifesta-se uma criatura que é mantida em suas entranhas. Tudo que era mantido preso e oculto, passa a ser externalizado como parte dos membros do hospedeiro, fundindo-se com a estrutura e transformando-se em um único ser, que dialoga entre si, com o propósito de sobreviver e existir”. (DIGESTIVO, 2021).

### **Relato de Samantha Calandrini**

- Superaquecida foi como me senti nessa estrutura.
- Parte desse super aquecimento lembrou-me do que me mantém dona de mim. Que demorou e ainda faz parte de um longo processo para me perceber e reconhecer o que se moldou até então.
- Me reconhecer travesti diariamente é o que me mantém de pé, mesmo que me seja cobrada as diversas performances de gênero por essa civilização caída e falida, para a existencya de nossos corpos. Com muito apoio de quem amo consigo perceber a regeneração do que se recompõe e me protege, podendo assim habitar e existir onde quiser.

Segundo Samantha a forma que preferiu de escrever seu relato, diz muito sobre a maneira de romper uma regra de escrita e corpo, pois ela acredita que ao substituir a letra “I” pelo “Y”, não muda o entendimento da leitura e nem a sonoridade, apenas causa um estranhamento devido não seguir as regras ortográficas. Talvez isso, seja uma reflexão do próprio corpo de Samantha.

Figura 9: Corpo aberto.



Fonte: Digestivo, 2021.

Link: <https://www.instagram.com/p/CVtdlm11-bm/?gshid=MzRIODBiNWFIZA==>

Apesar de Corpo Aberto ter sido a primeira experimentação durante o mestrado, vejo uma grande potência poética que se aproxima da idealização corpo em fluxo. Pois o experimento trouxe uma narrativa de um corpo sensível e incomum das necessidades um corpo humano, ele é um corpo que se difere das condições humanas estabelecidas sobre seu corpo e de qualquer corpo que não se identifica com as formas normativas, ditas como “humanas”. Assim como, existe a indiferença desse corpo que é visto como estranho, também há uma estranheza no corpo em fluxo. Isto reflete diretamente em mim, ao sentir uma indiferença incomum quando sinto ele, mas não a sensação de superioridade aos dos outros, mas por conter uma facilidade em criar experimentações rebeldes que podem ultrapassar narrativas comuns. Diante disso me pergunto: Será que meu fluxo e experimentos, são tão inumanos quanto o “Corpo Aberto”? O que pode ser tão inumano diante de tantas narrativas comuns atualmente?

## 1.2 FLUXO É MEU DEVIR

Para que possamos compreender melhor a idealização corpo em fluxo, tentarei relacionar ao conceito “devir” de Deleuze e Guatari. Pois acredito que este conceito conversa muito com a idealização “corpo em fluxo”, e que existe uma grande relação entre eles. Segundo François Zourabichvili:

“Devir” é certamente e em primeiro lugar mudar: não mais se comportar ou sentir as coisas da mesma maneira; não mais fazer as mesmas avaliações. Sem dúvida, não mudamos a nossa identidade: a memória permanece, carregada de tudo o que vivemos; o corpo envelhece sem metamorfose. Mas “devir” significa que os dados mais familiares da vida mudaram de sentido, ou que nós não entretemos mais as mesmas relações com os elementos costumeiros de nossa existência: o todo é repetido de outro modo. Para isso é preciso a intrusão de algo de fora: alguém ou alguma coisa entrou em contato com algo ou alguém diferente de si mesmo, algo aconteceu. “Devir” implica, portanto, em segundo lugar, um encontro: algo ou alguém não se torna si mesmo a não ser em relação com outra coisa. A ideia de encontro, porém, é equívoca e depende do estatuto que concedemos a esse mundo exterior sem o qual alguém ou algo não sairia de si. Para a pergunta “o que encontramos?”, Deleuze & Guattari dão uma resposta paradoxal (não pessoas), e de aparência ingênua ou arbitrária (sobretudo animais ou paisagens, pedaços de natureza). Quanto ao amor, ele se endereçaria menos a uma pessoa do que à animação não-pessoal que lhe confere o seu “charme”, e que envolve algo mais do que ela (uma paisagem, uma atmosfera...). (Zourabichvili, 1994, pg. 2).

Dito isso, é aquilo que alcança e desinstala o corpo, que propõe a ele a experimentar-criar coisas novas-inéditas-inusitadas, mas para além disso, é um conector de relações entre corpos, que propõe criar experimentos individuais que podem manter contatos com outros corpos/criações. Ou seja, um devir que não corresponde a si, mas um devir múltiplo que opera corpos, mantendo laços com outros também. Entendo devir também como um paradoxo que leva para um lugar contraditório de uma coerência, é consumido pelas dúvidas-incertezas do “não saber”, ele contradiz a lógica como um lado oposto da verdade, que questiona o sentido de uma verdade absoluta. Um encontro que conecta a algo ou alguém, um manifesto individual que atravessa o outro também. “De vir a ser”, exatamente assim, “de vir a se tonar algo” - “Algo a vir acontecer”.

A verdade é que devir é uma grande força de desejo!



Figura 10: Performance para qualificação - ETDUFPA.

Fonte: Tiana Ferreira 2022.  
Link: <https://www.instagram.com/p/CpK4BUWuOb4/>

O fluxo tem sido o meu devir desde as minhas primeiras criações durante a pesquisa, e tem se manifestado assim. Perpetuando sobre minhas decisões e meus desejos, por mais que eles sejam incoerentes e profundos, é sempre um grande desafio me aprofundar nas minhas próprias vontades para despertar desejos adormecidos. É como procurar o que ainda não existe. De início foi terrivelmente apavorante, porque me deixava instigado por não ter uma resposta que pudesse esclarecer o que criava e muito menos o que sentia, era só uma força compulsiva em experimentar a coisa que acabou materializando o que havia dentro de mim, ou seja, os meus desejos.

Além disso, houve momentos que achei que estava próximo de compreender o fluxo em mim, e até mesmo meu próprio trabalho, mas me enganei, eram apenas algumas vivências-experiências que me faziam enxergar algumas das possibilidades abertas em meu experimentos, e dentro dessa possibilidade haviam milhares de outras a serem exploradas também. É como se isso tudo fosse um grande labirinto e dentro dele funcionasse um paradoxo constante. Hoje percebo o quão meu trabalho foi se expandindo em campos artísticos diferentes, sem perder sua essência poética, pois a maneira que meu trabalho foi se expandindo, ele também foi se materializando em diversos campos das artes. Como se ele sofresse uma evolução, só que descronológica, que ao invés de se tornar algo compreensivo e organizado, acaba sendo uma grande bagunça fragmentada que causa ainda mais aberturas para outras reflexões para além da minha, ou seja, buracos sem fim.

Fluxo e Devir são algo paradoxal. Além de levar a um encontro para si, eles também te tele transportam a um encontro com o outro.

Nada no meu fluxo se remete ao sentido da evolução, e sim uma desenvolução, no sentido de desordem. Quanto mais é vasculhado e explorado, o fluxo, mais se desconfigura corpo e trabalho, até se acumulando ainda dúvidas sobre ele. Para além

disso, o fluxo é mais que uma desenvolvimento é “algo que está em desenvolvimento e continuidade”. Não existe data ou previsão que possam deduzir sua chegada e muito menos surgimento. Pois, “Devir não é uma evolução, ao menos uma evolução por dependência e filiação. O devir nada produz por filiação; toda filiação seria imaginária” (Deleuze e Guattari, 1997, pg 19). Assim como devir não é uma evolução, o fluxo tampouco é um avanço, o que pode existir é um fluxo que não se repete, onde não há reciclagem ou reprodução que transforme aquilo já existente ou criado, mas sim, a propagação de possibilidades, naquilo que ainda não é inexistente sobre algo ou alguém para vir a ser existente. “O devir não produz outra coisa senão ele próprio. É uma falsa alternativa que nos faz dizer: ou imitamos ou somos” (Deleuze e Guattari, 1997, pg. 19), o que me faz acreditar na minha própria autonomia de criação, em meus devires-fluxos que contradizem daquilo que é entendido no mundo como realidade-verdade-logicamente.

Fascinante, embora difícil, o conceito de “devir” desenvolvido por Deleuze & Guattari é um daqueles que sempre escapam quando acreditamos que o compreendemos. Muitos conceitos permanecem sem força, ou assim parecem, por falta de uma travessia lógica eficaz sempre adiada para amanhã: são relegados a altruísmos, em função de afinidades previstas ou reconhecidas. Gostaríamos de ser capazes de expor o que Deleuze & Guattari pensavam sob o nome de devir: o que se segue é apenas um esboço provisório disso. Acontece que o devir se reduz a uma palavra de ordem vulgar e paradoxalmente estática: ver todas as coisas em devir, viver a si mesmo em devir... O pensamento se congela nesse enunciado supostamente capaz de lhe trazer o movimento, e o que pensávamos ser o seu ponto culminante parece muito mais com um adormecimento: uma estagnação, um êxtase, um único indiferenciado, uniforme e sem promessas (“gelatina”, teria dito Anton Chekhov). Apesar de muitas advertências e de sua relutância em falar sobre o devir em geral, Deleuze & Guattari não conseguiram evitar que falsos amigos e detratores se unissem para afogar o conceito em mal-entendidos: fusão mística, antropomorfismo... (Zourabichvili, 1997, pg. 1).

Incrível como o devir pode te de levar a infinitas brechas de compreensão. Por um momento acreditei que finalmente havia compreendido o fluxo, mas na verdade ele só me mostrou uma parte das diversas possibilidades a serem experienciadas-compreendidas nele, e nesse ciclo de descobrir possibilidade, manteve um paradoxo, fazendo com que minha compreensão

sobre ele não fosse definitiva, mas resquícios de uma gama de suas possibilidades a serem repensadas e refletidas. Mas me pergunto: Mesmo me escapando de uma compreensão definida sobre fluxo, porque ainda continuo acreditando nele? Muitas das vezes acreditava que havia compreendido o fluxo, mas na verdade o que me fazia acreditar nisso eram as vivências que acumulei em experimentos durante a pesquisa, os diversos trabalhos desenvolvidos que me proporcionaram uma trajetória de criação-experimentação, proporcionando um contato direto com minha própria sensibilidade em criar, ao reconhecer meus trabalhos como experiências do meu devir-fluxo.

Devir-fluxo, “mas tampouco é ele uma semelhança, uma imitação e, em última instância, uma identificação.” (Deleuze e Guattari, 1997, pg. 18). Dito isso, assim como devir não é uma mera semelhança, o fluxo tampouco é uma imitação, justamente por não ser uma fantasia ou imaginação. “E sobretudo devir não se faz na imaginação, mesmo quando a imaginação atinge o nível cósmico ou dinâmico mais elevado” (Deleuze e Guattari, 1997, pg. 18). O que pode existir é um fenômeno desorgânico que materializa desejos do corpo. Comparo o conceito devir ao “corpo em fluxo”, por tratar desejos como um fenômeno, e não uma fantasia e muito menos imaginação, mesmo que ainda não possamos prevê-los, mas conseguimos calcular as possibilidades. A relação de devir-fluxo está mais próxima ao sentido do acaso, aquelas situações inesperadas que surgem como um espanto, nos fazem agir sem ter ideia das possibilidades, e de um futuro previsto. Reflito isto, como os gatilhos imprevisíveis, aqueles desejos inesperados que surgem como se fossem uma roleta russa a qual não se sabe o momento de seu disparo, apenas acontece de maneira fluida e natural. Como já dizia aquela frase metafórica “o que tiver de ser, será”.

Em vista do manifesto fluxo em materializar meus desejos, ele surge em momentos inesperados, quando não há a noção do que poderia acontecer, geralmente em momentos que estou me dedicando a outros afazeres, seja durante uma caminhada

do dia-a-dia ou durante afazeres domésticos. Quer dizer, não há um momento ideal para o surgimento dele em mim, e tampouco agendá-lo para acontecer. É por trás dessa incerteza do surgimento do inesperado/acaso sempre será uma incógnita que me faz, a todo tempo questionar: Será que estou vivenciando um constante fluxo? O que será que torna meus experimentos ainda mais incertos? É o fato de vivenciar uma incerteza criativa? ou é lidar com uma demanda do acaso em momentos inesperados? Talvez eu tenha esta resposta, mas não da forma que eu espero, pois, os trabalhos desenvolvidos podem falar por si. O que tenho experimentado até hoje, são incógnitas-subjetivas dos meus trabalhos, que podem trazer relatos de um grande susto-surto criativo que serviriam como matérias “concretas”, para expor a existência do inesperado/acaso que tanto persegue o meu fazer artístico. Mas a intenção aqui não é provar nada disso, acredito que isso possa ser uma crença para sustentar uma esquizofrenia do meu trabalho, mas além dela se expor, ela pode nos levar ao autoquestionamento, a se perguntar: “O que é isso?” “E é sobre o que?”.

É sobre saber se sentir enquanto um corpo em fluidez. É também refletir o fluxo a partir dos seus atos em criar e experimentar, mas sobretudo desenvolver algo novo que ainda não seja existente. Não se trata da reprodução da existência, tampouco a repetição, releitura sobre a existência, mas sim da inexistência, daquilo que ainda não foi criado.

Exemplo dessa condição devir-fluxo quando surge por um acaso, é o trabalho “Calçado Bolor”, um ocorrido que me proporcionou um grande experimento artístico. Em que foi possível sentir a manifestação do fluxo durante um momento inesperado do acaso.

Figura 11: Calçado Bolor. 2022.



Fonte: [https://www.instagram.com/p/CeggTm5OU12/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CeggTm5OU12/?img_index=1)

Esse trabalho aconteceu por um acaso, foi durante uma caminhada pela rua de casa que me deparei com um pedaço de madeira e o tornei em um experimento.

O Calçado Bolor, foi criado a partir dos destroços de um guarda-roupa de madeira antigo. Na qual o transformei em calçados-objetos, capazes de desafiar a estabilidade de um corpo centrado-normalizado.

**Figura 11: Calçado Bolor. 2022.**



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Ceg8Dn50U12/>;img\_index=1

Uma madeira antiga, abandonada entre os destroços de uma marcenaria. Não se previa a transformação por trás de seus valores.

Entre os muitos destroços, percebi um grande potencial na madeira encontrada, mas não fazia ideia do que poderia torná-la. Então a guardei no porão junto a outros objetos esquecidos. E esperei pelo surgimento de um desejo que pudesse transformar a madeira em uma narrativa que fosse capaz de ultrapassar os valores já atribuídos à ele.

Um mês depois, me veio o desejo de criar um calçado plataforma que dialogasse e complementasse o corpo durante uma performance. Mas que também provasse sua materialização enquanto um objeto transformado-ressignificado, com capacidade de ocupar galerias de artes também.

Após o devaneio desse desejo, decidi então, materializá-lo em calçados de madeira que trouxesse sentidos para além da funcionalidade “calçar”, mas que atribuísse a possibilidade de se tornar um objeto expositivo e performático para dialogar com algo e alguém.

Quando falo da vontade em materializar desejo, não se trata de um desejo existente, trata-se de um desejo em criar o que ainda não foi desejado.

### 1.3 VIAGEM DE UM CORPO EM FLUXO

Me arrisco em dizer que o fluxo em mim, pode ser o maior causador da minha sensibilidade em criar e experimentar coisas, seja através das artes, música, corpo, espaço e matéria, não importa, sinto ele como um cursor que me faz flutuar durante os momentos de criação, e que me leva nas alturas, podendo enxergar de cima as possibilidades que há no mundo e ao meu redor. Mas é claro, em todas as viagens nas alturas pode haver momentos de turbulência, e durante as turbulências se pode ter medo de cair. Saber enfrentar essas turbulências é poder ultrapassar limites e aceitar o risco/medo de cair. Privilégio eu tenho de poder desfrutar dessas sensações que esse fluxo me proporciona, sentir em diversas vezes e em momentos diferentes, mesmo sabendo (sendo) do desconforto que é senti-lo, e dos riscos durante essa viagem, mas ainda assim, continuo a flutuar em viagem e a percorrer meu fluxo.

O medo de fracassar nunca foi maior que a coragem de experimentar. Não que eu nunca tivesse caído das alturas antes, mas foi necessário despencar por diversas vezes para fracassar em criações ou, sem pretensão nenhuma, mudando uma elaboração de um trabalho “bem encaminhado” para um lado contraditório do que já estava “bem feito, com um bom acabamento ou concluído”, mas que me levaram a descobrir um lado errôneo quase não explorado antes, invalidado por ser contraditório do que é certo. Aceitar o fracasso como parte do meu processo criativo e na minha própria pesquisa, foi o primeiro passo a ser dado para “compreender” o fluxo como algo “imprevisível”, aprendendo a contribuir para a sua propagação sobre todos meus experimentos criativos até hoje. Não ter uma resposta definitiva sobre tudo que foi desenvolvido e sentido até hoje, significa não haver controle ou cura sobre ele, mas confesso que não quero definir nada além de reflexões.

Sinto que tem muito a ser refletido para tomar qualquer definição sobre fluxo do meu corpo. Mas diante disso, errar-fracassar foi um dos pontos cruciais que me fizeram questionar que fluxo não é sobre acertos, e sim tentativas.

As quedas foram necessárias para compreender que as turbulências eram disparadoras desse fluxo no meu corpo, podendo ser gatilhos que provocaram a minha própria queda em momentos pacificadores e/ ou em grandes turbulências. Despencar das alturas nunca foi sobre uma tentativa de subir para alcançar o topo, mas sobretudo foi tentar subir para despencar. Pois, como já dizia Deleuze e Guattari (1997, pg. 35), “o erro, do qual é preciso preservar-se, é o de acreditar numa espécie de ordem lógica nessa enfiada, nessas passagens ou transformações”. Ou seja, não se deve acreditar nas verdades absolutas ou numa ordem cronológica, para não se limitar apenas em acertos, esquecendo que erros fazem partes dos processos. A partir dessa citação reflito que as viagens nunca irão se repetir, no sentido das experiências que são vivências nelas. Podem até ter o mesmo destino, porém as experiências serão diferentes das anteriores, sejam elas pela sensação ou emoção. É durante a viagem que se pode haver paradas, conexão e desembarques, e para alguns esses processos pode ser muito desconfortável e cansativo, já para outros podem ser estimuladores para continuar uma viagem menos estressante. Digo no sentido das experiências em viagem, isso requer paciência, vontade e disposição. O fluxo pode até se relacionar a uma viagem, mas nunca terá um destino definitivo ou previsto que nem a de uma viagem comum.

Uma das falas de Deleuze e Guattari (1997, pg. 34), que faz relacionar e refletir o processo de um fluxo, com as etapas de uma viagem, é que “todas as viagens ditas iniciáticas comportam esses limiares e essas portas onde há um devir do próprio devir, onde muda-se de devir, segundo as ‘horas’ do mundo, os círculos de um inferno ou as etapas de uma viagem que fazem variar as escalas, as formas e os gritos”. Quando ele relaciona a viagem como processos de devires, e que podem haver devires

no próprio devir, relaciona exatamente os efeitos que pode haver durante a manifestação do fluxo no corpo, com as etapas e processos de uma viagem, que para atingir cada fase é necessário encarar processos contidos nela, como por exemplo o embarque, escalas e desembarques. São fases que desgastam dependendo do tempo de duração dos processos. Comparo isto, justamente, porque o fluxo me traz a sensação de embarcar, para longe de mim, a lugares que variariam de escalas. É durante esta viagem que enfrento as diversas fases que me exigem uma dedicação para que eu consiga ultrapassar os processos contidos em cada fase.

Meu fluxo se tornou a minha pureza em sentir desejo, foi ele o responsável de me conduzir a uma viagem para um “mundo novo” onde as referências do “mundo real” são deletadas e evitadas para não serem reproduzidas no mundo que embarquei. No mundo real é possível acompanhar as mudanças climáticas e prever um suposto fim do mundo, diferente do mundo novo, não conheço ele ao ponto de deduzir algo sobre ele, e nem tentar prever qual será seu fim.

Mas o que valerá para mim é o mundo dentro de um corpo em fluxo, a visceralidade composta pela sensibilidade ao sentir desejo. O fluxo foi um refúgio desse mundo, e continua sendo uma esperança para construir um universo novo onde meus desejos possam ser reais, tanto no meu corpo quanto em meus experimentos-criações. Pois, estão saturados das reproduções, da normalidade desse “mundo real”, quero vivenciar meus processos criativos em um mundo novo onde as coisas não se repetem e nem se reproduzem, e que fracassar ao tentar criar seja mérito de conquista e aprendizado.

O fluxo me lembra viagem, porque me traz essa ideia de haver mudanças repentinas, no sentido de conter a possibilidade do cancelamento da viagem e a remarcação dela para outro momento, é como se sentir no estado de angústia-agonia, sem saber o que fazer. Além de imprevistos serem partes das fases do “acontecimento” de uma viagem. Acredito também que a

palavra “acontecimento” traga melhor a relação de fluxo e viagem, justamente porque não se pode prever acontecimento inesperado durante a viagem.

Ainda na reflexão de viagem e fluxo, talvez seja por um momento que consigo me desconectar do habitar, de tirar os pés do chão, e de partir para outra realidade fora da minha, um outro espaço-lugar novo e diferindo do que eu costumo viver e respirar. A visão que eu tenho é um fluxo que me proporciona um universo em minhas mãos em que é possível cultivá-lo e criar coisas a todo tempo. Um universo onde idealizo coisas a partir dos meus desejos, mas não necessariamente seja um espaço restrito que proíba a participação de outros, é possível ser partilhado também.

Diante da relação viagem-fluxo, me questiono se é possível se esquivar ou prevenir os imprevistos. Deleuze e Guattari (1997, pg. 36), afirmam que:

É fácil dizer? Mas se não há ordem lógica pré-formada dos devires ou das multiplicidades, há critérios, e o importante é que esses critérios não venham depois, que se exerçam quando necessário, no momento certo, suficientes para nos guiar por entre os perigos. Se as multiplicidades definem-se e transformam-se pela borda, a qual determina a cada vez o número de suas dimensões, concebemos a possibilidade de estendê-las num mesmo plano onde as bordas se sucedem traçando uma linha quebrada.

Diante da minha reflexão e a citação de Deleuze e Guattari, talvez os imprevistos não sejam imprevistos por completo. Acredito que mesmo havendo a incerteza sobre tudo, e de qualquer situação durante uma viagem, pode haver uma “lógica pré-formada” do que está por vir. Um autocuidado, uma consciência que faz repensar a probabilidade do que pode ou não acontecer, um pensamento ou intuição, uma incógnita talvez, não sei. Mas seria uma lógica pré-formada que analisa a possibilidade do que “poderia acontecer ou não”, mas sem a certeza do que realmente poderá ocorrer? Mas ainda assim, a

incerteza sempre prevalecerá sobre qualquer lógica pré-formada, afinal nem tudo está sob controle de nossos corpos e mente. Mas o que o imprevisto tem haver como fluxo?

O fluxo me causa tremores que me deslocam para fora de mim, mesmo quando meu corpo deseja se manter parado e em equilíbrio, ele sempre retorna para causar ainda mais tremores. E durante idas e vindas que se sucede em meu corpo para efeitos tremulentos do fluxo, me sinto desequilibrado, em posição de defesa com os pés firmes apoiados no chão, na tentativa de me certificar que tudo poderá acontecer durante o próximo tremor.



Figura 12: Fotografia sem título.

Fonte: [https://www.instagram.com/p/CtG9Z\\_uHmv/?img\\_index=2](https://www.instagram.com/p/CtG9Z_uHmv/?img_index=2)

Figura 13: Fotografia sem título II.



Fonte: [https://www.instagram.com/p/CtG9Z\\_uHmv/?img\\_index=2](https://www.instagram.com/p/CtG9Z_uHmv/?img_index=2)

## 1.5 ESCRITA DE UM CORPO EM FLUXO

Os fluxos no meu corpo são como se fossem ‘escritas’ que só meu corpo conseguiria introduzi-las, é como se meu corpo fosse um receptor de sinais que só ele consegue interpretar, seria como um ‘mediador de comunicação’, seja através do ato em criar ou ações do acaso. O sentido dessa ‘escrita’ está relacionado ao que é ‘criado’ pelo meu corpo em fluxo, e não necessariamente por palavras escritas em papéis, mas que são ‘criações’ que retratam uma escrita fragmentada, que estão se tornando escrituras a cada vez que se cria ou experimenta algo. Essa escrita está relacionada a necessidade, vontade e desejo do meu corpo, no sentido das minhas criações-experimentos serem essas escritas. Tudo que tenho feito nos últimos tempos, foi escrever, porém, antes disso, precisei me alfabetizar novamente para tentar compreender o básico dessa ‘escrita’, a sensação foi como se estivesse voltado ao pré-fundamental. Diferente da escola, não tive um tutor para me orientar e ensinar, precisei ser autodidata o suficiente para acreditar no que estava escrevendo.

A todo tempo meu corpo está em uma constante escrita que me leva a uma busca infinita, para decifrar as possibilidades nessas escritas, na tentativa de compreender o porquê delas. Porque quanto mais escrevo compreendo menos? Por que escrever ainda é um desafio, mesmo acreditando no que escrevo? E no processo da escrita repenso essas questões. Talvez seja durante os questionamentos que se criam outras formas de escrita, tornando-a ainda mais expansiva e acumulada, difícil de mantê-la parada em uma forma uniforme e legível. Outras questões me fazem refletir, por mais que não se veja a escrita de um corpo em fluxo, é possível lê-la ou decifrá-la. Como essa escrita pode ultrapassar e superar qualquer expectativa de leituras-narrativas se não é enxergada e tampouco tocada?

Posso dizer que não há controle sobre essa escrita, ela me levou a lugares híbridos, onde tudo é misturado e nada é linear, mas sobretudo é um espaço intimista, de uma escrita íntima e própria, fomentada a partir das criações da escrita do meu corpo em fluxo. “É como os híbridos, eles próprios estéreis, nascidos de uma união sexual que não se reproduzirá, mas que sempre recomeça ganhando terreno a cada vez. (Deleuze e Guattari (1997, pg. 36)”. No sentido dessa escrita ganhar expansão ao ponto de atingir territórios novos.

Relaciono o fluxo ao sentido da escrita, porque ela me surge como palavras rasuradas em borrões machucados. É difícil de ler e compreendê-las, porque são inelegíveis a olho nu, é necessário senti-las e não enxergá-las, para que seja possível absorver o máximo da essência dessa escrita. Posso até tentar ler, mas talvez não consiga decifrar ou entender da mesma maneira que é escrita, ela sempre será introduzida de forma diferente do que foi apresentada. É como se essa escrita me estimulasse a fazer leituras distorcidas sobre o que foi me apresentado, para criar interpretações propriamente dissociadas do que é entendido como escritas. Essa escrita não é uma tradução, tampouco é uma língua estrangeira, o que existis são expressões que podem se comunicar a partir de linguagens artísticas, podendo haver infinitas interpretações pelas diversas maneiras de se fazer arte, a ser transmitida por pequenos atos de criar e de pensar sobre uma experimentação (escrita), como por exemplo, uma reação minha durante uma situação do acaso, pode me fazer produzir sem ter a consciência que estou escrevendo, sendo a produção minha, escrever conduzido pelo acaso.

A relação da escrita de um corpo em fluxo, é uma fabulação que talvez seja a possibilidade do fluxo, no sentido literal da coisa, de um local de necessidade do corpo, no qual é tão necessário quanto a necessidade que um corpo tem para se

alimentar. Viver numa constante escrita é sentir a latência e visceralidade de um corpo com fome da escrita, pois um corpo alimentado é um corpo satisfeito, já um corpo com fome é um corpo insatisfeito!

Essas visões, essas audições não são um assunto privado, mas formam as figuras de uma história e de uma geografia incessantemente reinventadas. É o delírio que as inventa, como processo que arrasta as palavras de um extremo a outro do universo. São acontecimentos na fronteira da linguagem. Porém, quando o delírio recai no estado clínico, as palavras em nada mais desembocam, já não se ouve nem se vê coisa alguma através delas, exceto uma noite que perdeu sua história, suas cores e seus cantos. A literatura é uma saúde. (Deleuze, 1997, pg. 9).

A escrita de um corpo em fluxo não é necessariamente composta por palavras, mas pode ser um relato através de um sonho também. Exemplo disso, foi um sonho que tive durante uma madrugada, me trouxe subjetividades e reflexões que poderia ser o corpo em fluxo.

## 1.5 SONHO

Vou te relatar meu sonho por uma escrita que descreve através de palavras, um sonho que foi tão real quanto minha morte nele. Sonho é algo tão puro. É viver numa realidade que só cabe a nós mesmos, um universo que literalmente só existe na nossa realidade paralela.

Durante o sonho pude me ver dormindo, deitado de bruços na minha cama de solteiro, com apenas minha cabeça sob o travesseiro e um edredom verde que cobria o colchão da minha cama. Por um momento me pareceu que ainda estava acordado e sóbrio, mas depois de alguns instantes percebi dois corpos deitados em ambos os lados. E para minha surpresa eram corpos semelhantes ao meu, cópias idênticas a minha aparência. No lado esquerdo da cama onde meu rosto estava virado, passei a conversar um pouco com esse corpo, mas não lembro do que se tratava. Porém lembro que minha atenção estava focada apenas

neste lado da cama, enquanto o outro corpo, se manteve quieto, na mesma posição que eu. Em poucos minutos de conversa com o corpo esquerdo, me assusto com uma faca perfurando meu estômago no lado direito. Viro meu rosto e vejo o corpo direito tentando me matar friamente, nesse instante não consegui me mover e nem pedir por socorro, apenas virei e aceitei minha morte daquele lado.

Esse sonho foi mais que um sonho, foi uma revelação sobre tudo que tenho feito enquanto trabalho e pesquisa. Entender os ciclos. Foi preciso matar uma cópia minha para manter uma outra viva, e assim o falecimento sucede a outra. Atualmente me vejo num processo assim, às vezes é necessário deixar um processo-experimento falecer para se criar outro, e por cima desse falecimento tentar criar uma cópia, que não necessariamente seja gerada da anterior, mas que siga experimentos diferentes.

Além desse relato me proporcionar a subjetividade de um sonho, ele conseguiu se aproximar de uma teoria-narrativa capaz dizer muito sobre meu fluxo e também da própria 'escrita' que diz respeito ao corpo.

## 1.6 SENTIR DESEJO

Reflito desejos como um dos princípios disparadores-provocadores do fluxo no meu corpo, também são sintomas que alertam a existência-manifestadora desse fluxo, no qual está sempre à frente do meu controle. Na maioria das vezes quando este fluxo se manifesta em mim, ele surge no momento inesperado, sem planejamento ou sem previsão do que está por vir. De início consigo senti-lo como um desejo, e logo em seguida uma vontade compulsiva em materializar desejos, é como uma sensação de que tivesse algo perfurando meus órgãos causando um incômodo visceral para que eu reaja e faça alguma coisa, que minimize por alguns minutos-horas este incômodo. E quando sinto essas perfurações, mantenho uma atenção maior sobre meu corpo, fico atento aos sinais de qualquer sensação do meu corpo. Canalizo-materializo meus desejos como se fosse uma necessidade urgente do meu corpo, na tentativa de aliviá-lo ao menos por um instante.

Meus desejos sustentam uma esperança de materializar tudo o que há de ser desejado, mesmo quando eles aparentam ser quase impossíveis de se tornarem matéria. A esperança continua sendo algo estimulador, me faz acreditar na materialidade desses desejos. Não sei explicar de qual forma, mas desconfio que seja pela força do desejo, talvez seja ele o estimulador para os disparadores que me conduzem a acreditar na materialização desses desejos

É muito difícil me manter parado, é quase impossível não me movimentar diante de tanto incômodo e coisa para criar. Logo quando me bate aquele incômodo, sinto meus desejos extrapolarem de dentro para fora em um nível completamente compulsivo, me permitindo materializar quaisquer desejos. Afinal, não sou um robô, ainda sinto dor, sou apenas um corpo em fluxo que deseja materializar meus próprios desejos, não posso simplesmente me desligar como se fosse uma máquina ou uma mera configuração programada ao modo automática para refazer sempre as mesmas coisas. Ao contrário disso, não há controle

além de mim mesmo, eu me sinto na obrigação de criar meus próprios caminhos e a manter movimentos e pensamentos a partir do que é desejado, estou mais próximo de ser um vírus do que uma programação, a qual consigo me infiltrar e romper sistemas-organismos que possam existir em mim, nada irá além do meu desejo.

O fluxo no meu corpo me incomoda, às vezes, justamente porque ele me tira de uma zona de conforto que me mantém em lazer, mas logo é retirado da minha cabeça e substituído pela dúvida infinita, quando sou deslocado da minha zona de conforto e movido para um território duvidoso, onde sou imediatamente transportado para um território que invalida tudo que é normativo e comum, quase um buraco negro que me devora para outra galáxia. Me sinto exatamente assim quando ocorre a territorialização do fluxo sobre meu corpo. “No entanto, não temos ainda um território que não é um meio, nem mesmo um meio a mais, nem um ritmo ou passagem entre meios. O território é de fato um alto, que afeta os meios e os ritmos, que os “territorialização” (Delleuze e Gattarri, 1997, Pg. 127). Assim, entendo que o fluxo como uma territorialização de lugares, não só afeta meios e ritmos, mas também corpos, e passa a ser um demarcador de propriedades e desejos.

O que tem movimentado meu fluxo são meus desejos, aqueles desejos imprevisíveis e malucos, que passam a impressão de serem impossíveis de serem materializados.

Sentir incômodo ao desejar demais e por estar em território incomum, sabendo que materializar desejos dentro deste território pode me proporcionar alívios imediatos, é estipular o tempo de vida nele? A resposta é óbvia, irei buscar formas de materializar para me manter aliviado. Talvez esses territórios sejam o puro incômodo, por se tratar de um universo que me traz uma narrativa distorcida e fragmentada do ‘mundo real’ em que vivo, é como se descobrisse um ‘mundo novo’ onde sou a única que habita nele. Mas confesso que já tentei me manter imobilizada para não sentir incômodo, mas falhei. Acredito,

por estar em um território que me causa incômodo, talvez tenha a ver com ‘recomeçar’, no sentido de construir moradas em ciclos diferentes, mas nunca da mesma forma. Recomeçar traz a ideia de iniciar-começar, e isto pode provocar incômodo só de imaginar o trabalho que será de construir-recomeçar uma trajetória. Mas vejamos, quando falo de recomeçar é no sentido da tentativa em criar uma originalidade-identidade, nada de reprodução ou repetição, é sobre uma narrativa sem pretensão ou referência que só cabe a quem o criou, mas que pode ser compartilhada com outros, podendo se tornar experimentos partilhados até que recomece e se torne outros experimentos.

Meus desejos sustentam uma esperança de materializar tudo o que há de ser desejado, mesmo quando eles aparentam ser quase impossíveis de se tornarem matéria. A esperança continua sendo algo estimulador, me faz acreditar na materialidade desses desejos, não sei explicar de qual forma, mas desconfio que vejo pela ‘força do desejo’, talvez seja ela o estimulador para os disparadores que me conduzem a materialização deles (desejos). A força do desejo me remete aos desejos de uma gestante que desenvolveu desejos compulsivos específicos durante a gestação.

Existem relatos que crescemos ouvindo de gestantes, que sentiram em algum momento da sua gestação desejos de comer ‘coisas’ que não são comestíveis, como barro e sabão, ou a junção das duas coisas. Sabemos que essas coisas fazem mal para o organismo e principalmente ao bebê. Mas é muito curiosa a potência que esses desejos têm sobre as próprias vontades do corpo, mesmo sabendo dos riscos que podem nos causar, ainda assim continuamos a sentir desejos.

Meus desejos se tonaram a minha pureza em me sentir. Foram os desejos que me conduziram a uma viagem para um ‘mundo novo’ onde as referências desse ‘mundo real’ são deletadas, evitadas para não serem reproduzidas ao mundo novo em

que embarquei. No mundo real é possível acompanhar as mudanças climáticas e prever um suposto fim do mundo. Já no mundo novo, não o conheço ao ponto de deduzir algo sobre ele, e tampouco tentar prever qual será seu fim.

Meu fluxo já canalizou meus desejos em materiais reais nesse mundo, e os transformou em grandes experimentos como provas de sua existência enquanto criação. A grande maioria dessas criações foram desenvolvidas com espumas de silicone, um material sintético composto por espumas para estofamentos, como a obra “Casulo”, uma matéria que ocupa não só o corpo mas também espaços.

Meus desejos, depois de materializados, tornaram a serem vistos e tocados como matérias reais nesse mundo, mas sobretudo tornou-se um trabalho de vida, uma realização que diz respeito ao meu corpo. Além disso, meus desejos me permitiram seguir percursos turbulentos que desestabilizam ao ponto de me direcionar a enxergar novos ângulos para além de uma perspectiva centrada e direcionada, ao ponto de ser contraditório do que é previsível e normativo. Também me tirou a estabilidade e conforto do meu corpo para que eu pudesse notar outras possibilidades em perspectivas fora da normatividade existente, para que pudesse ser possível criar alguma coisa.

Figura 14: Fotografia Sem título.III.



Fonte: Acervo pessoal. 2023

Figura 15: Fotografia sem título IV.



Fonte: Acervo pessoal. 2023.

## **CAPÍTULO II – INUMANO - O CORPO NÃO HUMANO**

Quando falamos de um corpo inumano, logo vem à cabeça as diversas imagens de corpos mutantes, no sentido de serem corpo incomum a de um corpo considerado humano. Isso poderia trazer diversas camadas sobre corpos, incluindo a visão de sistemas opressores de uma sociedade racista e preconceituosa, sobre corpos marginalizados, mas o que vai ser discutido aqui não será sobre isso, e sim a uma idealização de um corpo que se sobressai da capacidade comum, ao sentir uma indiferença dentro de um coletivo de corpos que agem de maneiras parecidas, e durante estar neste coletivo se sentir distorcido e fora da sua excelência enquanto um corpo que age e pensa diferente deles.

Não obstante, aqui já não entra em questão a distinção entre o corpo e a alma ou o corpo e a razão, na medida em que é o próprio corpo que problematiza e exerce uma força sobre sua própria forma e percepção: o corpo empreende uma mutação política e estética de suas próprias formas e reflexões. (Farina, 2012, pg. 120).

O meu corpo se difere de outros corpos pela forma de enxergar o mundo, ao me reconhecer e me identificar com aquilo que possa melhor representar minha destinação, já que fui inumanizado. Logo quando demonstrei o primeiro sinal de indiferença de um corpo humano, fui separado do sentindo de um corpo normal e colocado em um lugar de estranheza, onde minha forma e percepção se difere de um “corpo dito como normal”.

Devir também não está relacionado apenas ao humano, mas também com o inumano e não humano, pois segundo Zourabichvili:

Se o humano é semelhante ou aquilo que partilhamos com os outros (senso dito comum), é preciso admitir que, no sentido mais forte, só encontramos o “não humano”, o “inumano”. Sendo a humanidade o que cada um tem em comum com os outros, não é o que as pessoas têm de

humano que nos confunde. Nós encontramos alguém quando este está lidando com o não-humano, e quando nós mesmos estamos tomados pelo não-humano nele. (Zourabichvili, 1997, pg.3).

Quando eu afirmo que meu corpo é inumando, não quero dizer da minha estrutura ou estética, mas daquilo que me distancia de ser um corpo humano, e o que me aproxima de um corpo inumano. Não sou uma criatura, e tampouco um *cyborg*, mas meus pensamentos são contraditórios ao de um raciocínio lógico, de decisões racionais que só um humano poderia ter, estou norteado pela possibilidade de ser contraditório ao ponto de me levar a uma anomalia tão pouco comum entre humanos. “Pôde-se observar que a palavra "anômalo", adjetivo que caiu em desuso, tinha uma origem muito diferente de "anormal": a-normal, adjetivo latino sem substantivo, qualifica o que não tem regra ou o que contradiz a regra, enquanto que "a-nomalia", substantivo grego que perdeu seu adjetivo, designa o desigual. (Delleuze e Gattarri, 1997, Pg. 26)”. Assim como, anômalo carrega o sentido de desigual, o inumano também é relacionado ao irregular, colocado em uma posição que ameaça romper regras comuns de um corpo humano. “O anômalo só pode definir-se em função das características, específicas ou genéricas: mas o anômalo é uma posição ou um conjunto de posições em relação a uma multiplicidade. (Delleuze e Gattarri, 1997, Pg. 26)”. Justamente colocado na posição que afeta aquilo que é normatizado e previsto como o certo.

Me tornei inumano nas minhas escolhas, ao decidir seguir minha autonomia e a manter uma liberdade que me permitisse buscar uma identidade para melhor dizer sobre meu corpo, sem obrigar a me colocar em uma posição de ameaça, e sim de um local de potência, como um corpo revolucionário, capaz de descobrir aquilo que ainda não existe no mundo dos humanos.

O ataque ao corpo, aos seus contornos e entranhas, é também o ataque aos contornos de sua percepção e sensibilidade, ao regime sensível que o constitui. De fato, a ação da arte atual sobre o corpo ataca o racional, os limites do aceitável e o tolerável na percepção, ataca a sensibilidade do admissível e o admissível de uma sensação. É atacada a política do corpo mediante a qual se conforma a percepção de si que produz a realidade.

Esse ataque torna perceptíveis, de alguma forma, o inumano no corpo e o informe em suas próprias formas. A intensificação dessas práticas estéticas com o sentido das formas, adverte a ordem perceptiva das dores e sobressaltos do corpo sob os novos regimes sensível, ético e político, atuais. (Farina, 2012, pg. 123).

É muito curiosa a ideia de que inumanos são apontados como seres mutantes-criaturas, com a finalidade de destruir a humanidade, não é à toa que inumanos são vistos como ameaça, justamente por contradizer das regras que favorecem só corpos humanos. Esses ataques muitas das vezes afetam não só corpos inumanos, mas também a própria autonomia do corpo humano, por limitar corpos a seguirem uma regra-percepção comum, regidas por “modelos” reinventados, quase como uma alienação que convence a se comportar de tal maneira. Ser inumano é estar liberto de qualquer pregação sobre o corpo, e conquistar a liberdade de tomar suas próprias decisões e escolhas, mesmo havendo regras sobre ele.

Além da minha idealização de corpo inumando, é possível haver outras idealizações que melhor possam representar um corpo indiferente, como afirma Farina (2012, pg. 124): “O corpo contemporâneo, o corpo coletivo da contemporaneidade, já não se deixa conformar por um único discurso, coloca vários orifícios, aberturas, fragmentos, abismos, perfis: corpo de territorialidades, corpo-frankenstein, corpo-experimento”. Compreendo que possa existir diversos corpos que afrontam as regras comuns de um corpo humano, também entendo que ser inumano está longe de um corpo-unidade, porém mais próximo de ser uma possibilidade de um corpo-múltiplo, no sentido de uma aliança que pode abrigo corpos anômalos, ao incorporar a relação de um corpo uno e cheio das multiplicidades. “O Uno se diz num só e mesmo sentido de todo o múltiplo, o Ser se diz num só e mesmo sentido de tudo o que difere. Não estamos falando aqui da unidade da substância, mas da infinidade das modificações que são partes umas das outras sobre esse único e mesmo plano de vida” (Deleuze e Guatari, 1997, pg.41).

Inumano, não se trata de uma unidade que representa o corpo, e sim a infinidade de uma multiplicidade que pode conter no corpo, o que torna ele o corpo inumano.

Nesta mesma perspectiva de corpo inumano, trago como exemplo: (Re)existência, uma idealização de corpo, criado em maio de 2022, por alunos da Escola de Teatro e Dança, durante o meu estágio em docência da disciplina “Laboratório Experimental”. O experimento proporcionou fabular um corpo inumano em coletivo, que demonstrou ser múltiplo e anômalo, tanto pela estética quanto pelos valores.

Figura 16: Rei (Existência) 2022



Fonte: Alunos da ETDUFPA.

Link: [https://www.instagram.com/p/CeARc8BuIJ2/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CeARc8BuIJ2/?img_index=1)

## 2.1 (REI)EXISTÊNCIA

Durante o estágio docência, ministrei uma aula para alunos, propondo um experimento em coletivo, no qual tentaríamos criar um “Corpo Inumano” a partir de alguns materiais de fácil acesso como, roupas, fio barbante e balões (bexigas). Então solicitei para os alunos que trouxessem de suas casas uma sacolinha de roupas-trapos-retalhos que não iriam lhes fazer falta. Antes de iniciar o experimento, perguntei aos alunos se alguém gostaria de ser a cobaia do experimento, o pilar que sustentaria todo material no corpo. Para minha surpresa, o aluno mais tímido da turma se propôs a participar.

No primeiro momento do exercício, apresentei um pequeno recorte das produções da minha pesquisa, para que se familiarizassem sobre um corpo inumano e entendessem que iríamos tentar criar um também. Provoquei os alunos para imaginarem um corpo que não fosse um corpo humano, mas idealizassem um novo corpo que pudesse ser um animal, um vírus, um mutante etc. Logo depois pedi que tentassem materializar esse corpo da forma que seus desejos pediam. Deixei os alunos livres para experimentarem a possibilidade de criar esse corpo, seguindo seus desejos, sem que interferissem no desejo do colega, mas que complementasse na projeção desse corpo ao partilhar com seus desejos. Balões foram colocados em partes do corpo para projetar formas e proporções. E sobre os balões foram colocadas as roupas para moldar os volumes que os balões se formariam no corpo, enquanto que com o fio barbante amarravam os efeitos volumosos para manter aquilo que se criou sobre corpo.

Ao observar o trabalho à distância, percebi que em meio aos corpos havia a diferença entre eles. Seus desejos se diferenciavam comparados a outros, mas o que manteve um, ainda assim algo circula – indo de um ao outro e conectando-os, sem um se tornar comum ao outro. Esse é o problema, que implica uma “instância paradoxal”. Um encontro é constituído por duas experiências distintas, que não podem ser reduzidas, uma à outra, a algo comum, mas se implicam mutuamente, se pressupõem reciprocamente. Eu estou objetivamente em relação com o outro, tendo captado

objetivamente algo dele (e ele de mim); há, portanto, um devir comum aos dois, unindo inquestionavelmente vividos [vécus] divergentes. (Zourabichvili, 1997, pg. 5).

A criação do corpo inumano estabeleceu algo muito valioso entre os alunos, a “cumplicidade”. Ela foi o reator que manteve seus corpos sintonizados durante o experimento, apesar das diferentes perspectivas e narrativas. Ele se permitiram fundir suas diferenças ao criar um outro corpo. Houve uma aliança em coletivo para além de uma obrigação em criar. Existiu uma cumplicidade numa relação operada pela diferença que conectou não apenas uma criação de um corpo inumano, mas uma relação entre corpos em experimento.

Figura 17: Rei (Existência). 2022.



Fonte: Alunos da ETDUFPA.

Link: [https://www.instagram.com/p/CeARc8BuIJ2/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CeARc8BuIJ2/?img_index=1)

Aqui foi estabelecida uma criação de um corpo em coletivo, que provocou um encontro entre corpos e multiplicidades de cada envolvido. Um encontro de “corpos em fluxos”, que uniram forças-desejos para criarem um corpo que pudesse suportar-carregar a multiplicidade de cada corpo envolvido nesta obra. No entanto, foi um experimento, que ocasionou a transmutação aos envolvidos a partir do momento que decidiram fundir seus desejos para criarem um ser “desuniforme”, que incorpora desejos. Enquanto corpos materializavam esta criatura, suas multiplicidades eram costuradas a mão sobre ela, até que ganhasse forma de um corpo mutante e inumano, incomum comparado aos corpos humanos. Apesar dos múltiplos desejos envolvidos, foi impossível criar algo comum, as diferenças entre as multiplicidades se mostraram devidamente compatíveis com as diferenças, se tornou uma criatura que corresponde a individualidade de cada corpo envolvido.

Organismo sem o corpo ou corpo sem organismo? Vejo um organismo sem um corpo, mas também vejo um corpo sem organismo. Não tenho certeza. Um abismo que me cega. E a única coisa que enxergo à minha frente são formas brancas e espumosas. Um branco no preto e o preto no branco. Vejo a decomposição. Vejo formas. Vejo proliferação. Vejo espumas. Vejo mutação. Vejo mofo. O que será que é isso? Estou tentando entender, mas como explicar aquilo que não tem fim. Estou atenta na sua composição, ando em passos leves e curtos para não a despertar e, se possível, notá-la de perto. É muito belo e assustador o que me encontra. O que me fez morrer duas vezes, me provou uma vez a existência da vida na minha própria morte.

## **CAPÍTULO III - EXPERIMENTOS DE UM CORPO EM FLUXO**

Te convido a conhecer o meu universo. Nele contém experimentos que reluzem a luz branca da matéria espumosa em um grande abismo escuro.



Figura 18: Registro Livre Mofo - Local Sesc Ver-o-peso, 2023.

Fonte Acervo pessoal. 2023.

Link: [https://www.instagram.com/p/CtMT5bluVrV/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CtMT5bluVrV/?img_index=1)



Figura 19: Registro Livre Mofo - Local Sesc Ver-o-peso, 2023.

Fonte: [https://www.instagram.com/p/CtMT5bluVrV/?img\\_index=2](https://www.instagram.com/p/CtMT5bluVrV/?img_index=2)

Figura 20: Registro Live Mofo - Local Sesc Ver-o-peso, 2023.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CtMT5bluVrV/?img>

Enxergo luzes brancas em um grande espaço escuro, onde cores não resplandecem quanto o branco e preto e o preto no branco.

Figura 21: Registro live Mofo - Local Sese ver o peso, 2023.



Fonte: [https://www.instagram.com/p/CqqrCnWui7I/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CqqrCnWui7I/?img_index=1)

Figura 22: Registro Live Mofo - Local Sesc Ver-o-peso, 2023.



Fonte: [https://www.instagram.com/p/CtMT5bluVr...img\\_index=2](https://www.instagram.com/p/CtMT5bluVr...img_index=2)

Figura 23 Registro Live Mofo - Local Sesc Ver-o-peso, 2023.



Fonte: [https://www.instagram.com/p/CsIbMY5OVu3/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CsIbMY5OVu3/?img_index=1)

### 3.1 CASULO

Aqui se demarcou o início da materialização dos meus desejos.

Figura 24 :Casulo, 2022.



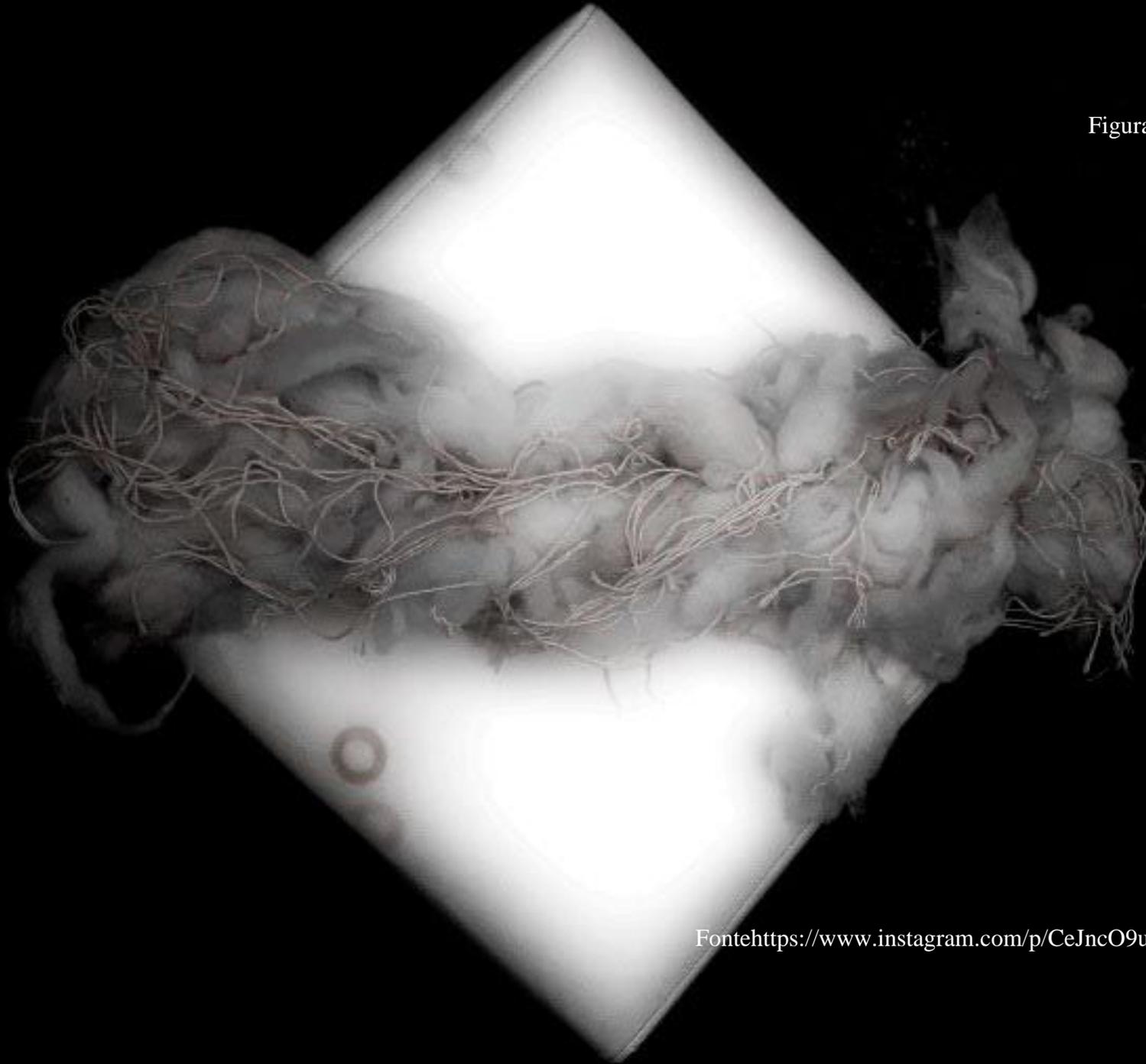
Fonte: [https://www.instagram.com/p/CeJncO9utSk/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CeJncO9utSk/?img_index=1)

A ideia de utilizar as espumas siliconadas na maioria dos meus experimentos surgiu por um caso, foi durante uma performance com roupas antigas e já usadas que pude enxergar pedaços de espumas entre os acúmulos de roupas amarrados sobre meu corpo. No primeiro contato visual com as espumas, pude me imaginar trabalhando elas em futuros experimentos, mas não esperava que elas continuariam comigo por muito tempo até se tonarem o corpo do trabalho que demarcaria uma visual identidade intrigante, de uma trajetória de experimento alarmante. Após criar vários experimentos com essas espumas, acabou-se construindo e acumulando também um acervo de trabalhos artísticos com uma diversidade de produções artísticas que continua conquistando ainda mais espaços nas artes.

Além de ter utilizado as roupas em meus experimentos, também comecei a utilizar fibra siliconada em diversos momentos do meu trabalho.

As fibras siliconadas, é um material à base de poliéster que possui uma camada envolta de silicone, é aveludada, antialérgica e higiênica. É um tipo de enchimento-estofamento.

Figura 25: Casulo, 2022.



Fonte [https://www.instagram.com/p/CeJncO9utSk/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CeJncO9utSk/?img_index=1)

Apesar que casualmente utilize roupas em experimentos, as espumas foram ganhando espaços na maioria dos meus trabalhos, se familiarizando fluidamente sobre quaisquer experimentos a serem desenvolvidos, mesmo fossem os mais grandiosos, elas sempre se mantiveram presentes nos mínimos, também. Estabeleceu sem perceber uma aliança de parceria, entre um corpo experimentador e um matéria irreversível, uma união que é uno, mas que também é multiplicidade.

O que eu sinto pelas espumas é de grande afeto e apego, é como se fosse uma parte do meu corpo que comunicasse com meus desejos, algo íntimo e visceral. Talvez seja egoísmo dizer que as espumas pertencem a mim, pelo menos durante minhas enghocas, mas os sentimentos que sinto por elas é de puro pertencimento. Infelizmente sei que elas não estarão comigo sempre, apesar que muitas das vezes elas se mostraram presença em grande parte dessa pesquisa. Acredito que as espumas poderão se ausentar do meu trabalho, assim com um dia as roupas foram perdendo a presença nele, mas sinto que isto está um pouco longe de acontecer. Há um longo caminho a ser percorrido e um grande espaço para ser aventurado com elas.

Até o momento desta pesquisa, as espumas provaram ser uma matéria simbólica para meu trabalho, se mostrando capaz de demarcar uma identidade que *link* não só a um visual intrigante que criei, mas também evidencia a minha existência enquanto um artista-corpo, ao demarcar meu nome como criador, sem precisar me pronunciar com palavras. Além disso, essa matéria que eu chamo de espuma, proporcionou experimentos promissores que puderam acrescentar não apenas uma produção para pesquisa, mas como também, um acervo de trabalhos que circulou em galerias de arte-festivais-festas.

É preciso dizer, logo nos primeiros experimentos com as espumas, senti muita incerteza, por não ter o controle do que poderia criar com elas. Por um momento imaginei que elas movimentavam meus experimentos, justamente por serem um material novo que tinha um potencial de ser tornar em vários experimentos. Mas a verdade é que, o que tonou isso possível

não foram as espumas, e sim, o fluxo, o principal responsável pela movimentação de cada experimento desenvolvido, os quais levaram a lugares incertos de difícil acesso, as espumas foram apenas condutores para um refúgio que manteve meus experimentos intactos garantindo minha sobrevivência durante esse espade.

As espumas se multiplicaram nas maiorias dos meus experimentos, em específico existe um trabalho que pode retratar a multiplicação das possibilidades em experimentos. Foi a obra, “Casulo”, uma espécie de objeto-matéria que ganhou uma forma conciliada após ter sido costurada a mão com fio barbante, foi capaz de se instalar sobre corpos e espaços, proporcionando uma nova forma de expressão a cada forma de instalação.

**Figura 26: Casulo exposto. Matéria Mútua,2022.**  
**Local: "Fábrica Bhering" - Rio de Janeiro..**



Fonte: [https://www.instagram.com/p/CeJncO9utSk/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CeJncO9utSk/?img_index=1)

“Casulo”, foi criado em abril de 2022, em um processo de alta-costura, no qual as fibras siliconadas foram costuradas com fio barbante sobre um pano descasado, no intuito de manter as formas e proporções das espumas pra que não se desmanchasse ao toque. “Casulo” também fez parte da exposição, como a Instalação “Casulo”, exposta durante a exposição, Matéria Mútua, na “Fábrica Bhering” no Rio de Janeiro, em novembro de 2022.

Até o momento, este foi o único trabalho que manteve uma forma fixa capaz de se sustentar sem precisar desfazê-lo. Apesar de manter uma forma pronta, ele também se tornou uma matéria híbrida que facilmente compõe, tanto uma performance, quanto o espaço de uma galeria de arte. Não se trata de um objeto de vitrine, é sobre uma matéria viva. Casulo foi meu primeiro trabalho que comprovou a possibilidade de extensão em ocupar não só corpos mas também espaços.

Figura 27: Casulo, 2022.



Fonte: [https://www.instagram.com/p/CeJncO9utSk/?img\\_i](https://www.instagram.com/p/CeJncO9utSk/?img_i)

Uma matéria duvidosa, mas inofensiva pela sua aparência espumosa, precisou se mutilar em pedaços para ocupar outros momentos que não fossem os mesmos conquistados.



Figura 28: Sem título, 2022.

Fonte: Acervo pessoal.

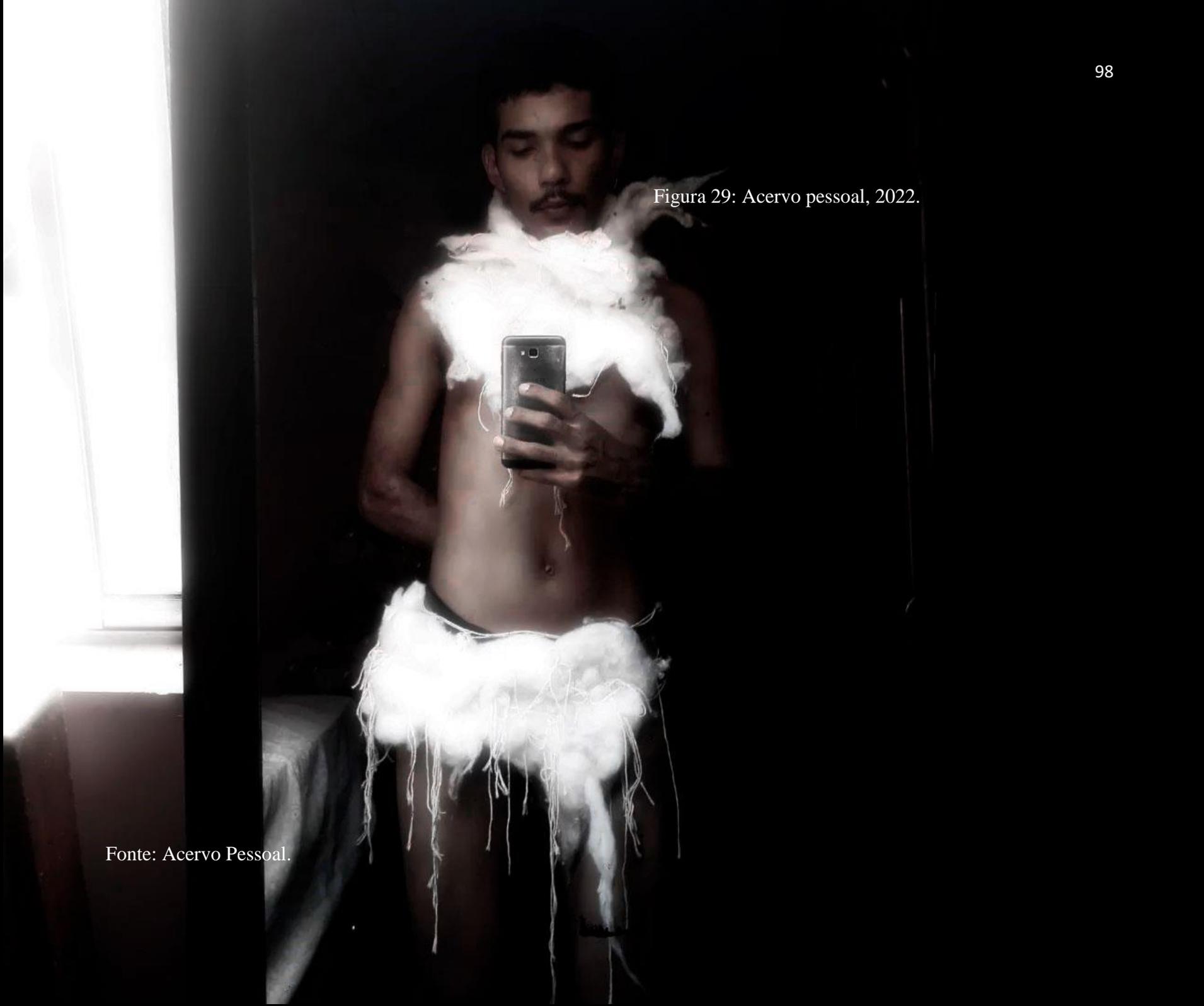


Figura 29: Acervo pessoal, 2022.

Fonte: Acervo Pessoal.

Essa matéria se tornou parte do meu corpo, ou será que a matéria é o meu corpo?

Figura 30: Sem título, 2022.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 31: Sem título, 2022.



Fonte: Acervo pessoal.

Durante uma manhã de um dia ensolarado, aproveitei o tempo para lavar as espumas que se encontravam guardadas em um saco, fazia tempo que elas não eram limpas. Após terem sido lavadas e enxutas, percebi que elas ficaram ainda mais soltas e volumosas, com uma textura mais leve, e dentre essas formas encontrei pedaços de fio barbante, entrelaçados como se fossem remendos em meio a tantas espumas.

Isto me chamou atenção.

Após isso, me veio o desejo de usar espumas em mim, então as coloquei sobre meu corpo, com cuidado para não desfazer a composição que apresentava naquele momento. Logo após isso, as espumas se formaram em um manto que acobertava meu corpo, como fosse um vestido branco, que performava uma beleza de um traje incomum. Coube em mim como uma roupa ajustável. O que me chamou atenção não foi a aparência como de um vestido, mas a beleza que foi surgindo e se transformando em um experimento que ocorreu por um acaso, e no final me presenteou como uma reverberação no meu corpo.

### 3.2 FRAGILIZADA

Me tornei frágil logo quando me despedacei em vários cacos.

Figura 32: Fragilizada, 2022. (Fotografia: Duda Santana. Corpo: Tiana Ferreira. Edição: Yan Higa).



Fonte: [https://www.instagram.com/p/CeJCQetOR1w/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CeJCQetOR1w/?img_index=1)

Em outro momento do meu trabalho, criei o experimento chamado, “Fragilizada”. Uma performance direcionada para fotografia que retrata a particularidade de um corpo que evidência, em imagens, a força e a potência de um corpo fragilizado. Nesse trabalho consegui reunir as peças de “Casulo” para reproduzir uma nova forma sobre outro corpo. “Fragilizada”, foi criada em maio de 2022, a partir de peças que restaram de “Casulo”. Me aventurei na possibilidade de experimentar uma composição de *Trajes-Styling-Performance* incomum, que pudesse complementar partes do corpo com espumas como se fosse uma armadura de uma guerreira, e que transmitisse a relação de poder, proteção e desejo.

Para a imagem tive ajuda da artista, **Tiana Ferreira**<sup>3</sup>, que performou para os registros desse trabalho. Para a captação das imagens contei com o apoio da artista e fotógrafa, **Duda Santana**. Também houve a colaboração da artista visual e musicista, **Yan Higa**, que ficou responsável pela edição e pós-produção das imagens.

---

<sup>3</sup>Dj, maquiadora e modelo.

Figura 33: Fragilizada, 2022. (Fotografia: Duda Santana.  
Corpo: Tiana Ferreira. Edição: Yan Higa).



Fonte: [https://www.instagram.com/p/CeJCOctOR1w/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CeJCOctOR1w/?img_index=1)

Figura 34: Fragilizada, 2022. (Fotografia: Duda Santana. Corpo: Tiana Ferreira. Edição: Yan Higa).



Fonte: [https://www.instagram.com/p/CeJCQetOR1w/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CeJCQetOR1w/?img_index=1)

Fragilizada não é um conto, é um desabafo de um momento de dor que sintetizou a potência de um corpo vestido com uma armadura frágil.

Figura 35: Fragilizada, 2022. (Fotografia: Duda Santana.  
Corpo: Tiana Ferreira. Edição: Yan Higa).



Fonte: [https://www.instagram.com/p/CeJCQetOR1w/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CeJCQetOR1w/?img_index=1)

“Neste momento encontro-me fragilizado por processos que machucam meu corpo e mente, trazendo uma sensibilidade maior para meu trabalho, e que refletem sobre minhas criações. Quando o limite do meu corpo é ultrapassado, consigo senti-lo pulsar em agonia, despertando uma forte necessidade de me expressar. Entendo a dor como um grande momento de transformação, não apenas do corpo, mas também do meu processo criativo. Quando falo de transformação, quero retratar a metamorfose que a dor me proporciona. É como se meu corpo sofresse uma mutação, que modifica tudo aquilo que estava normalizado, tornando-se um caos dentro do meu peito. É como se a matéria-branca-espumosa me utilizasse como veículo de expressão e durante a caminhada eu acabasse encontrando com a minha verdadeira essência? Gatilhos emocionais e explosões criativas, são palavras que talvez possam descrever melhor esta mutação. A dor me torna frágil. Me faz sentir as vibrações corporais, durante um tempo indeterminado. Me desestabiliza e provoca confusão. O que me faz perceber a dor como um dos únicos momentos de pureza que há em mim, me tornando mais sensível, incerto, disperso, expressivo e proposital. É o momento que consigo tocar minhas vísceras e entranhas, e estabelecer uma conexão com meu eu interno.

Talvez a dor seja o "momento oportuno" para me conceber arte, não tenho certeza. Apenas sei que meus processos partem de sensações e experiências dolorosas, me permitindo expressar o meu estado emocional e a condição física do meu corpo. “Fragilizada” é o momento mais forte que tem em mim, em que o cuidado, a empatia e o respeito são redobrados no meu corpo. É também o momento em que estabeleço limites corporais e passo a priorizar relevâncias para minha vida. Estar fragilizada nunca foi sobre ser fraco. É sempre sobre ser justo e sincero comigo mesmo.

Estou frágil, sensível e dedicado, porém amando o processo!”



Figura 36: Fragilizada, 2022. Edição: Yan Higa).

Fonte: [https://www.instagram.com/p/CeJCQetOR1w/?img\\_in dex=1](https://www.instagram.com/p/CeJCQetOR1w/?img_in dex=1)



Figura 37: Fragilizada, 2022. (Fotografia: Duda Santana.  
Corpo: Tiana Ferreira. Edição: Yan Higa).

Fonte: [https://www.instagram.com/p/CfUGXd4uxfF/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CfUGXd4uxfF/?img_index=1)

Figura 38: Fragilizada, 2022. Fotografia: Duda Santana.  
Corpo: Tiana Ferreira. Edição: Yan Higa).



Fonte: [https://www.instagram.com/p/CeJCQetOR1w/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CeJCQetOR1w/?img_index=1)

Além das peças de “Casulo” terem sido reaproveitadas em “Fragilizada”, também esteve presente em outros trabalhos. Como “Casamento”, um *styler* feito de espumas, usado por “Noah Aracati” e “Flores Astrais”, para disputarem a categoria “Melhor *Look*” durante “O grande Baile” do “Noite suja” em julho de 2022. Uma batalha de performances que disputavam o *look* mais próximo ao tema.

### 3.3 CASAMENTO

No meu corpo se estabeleceu uma união com outros corpos.

Figura 39: Casamento, 2022.



Fonte: Paulo Evander – Link: <https://www.instagram.com/p/CgJy9R1OiEW/?>

A convite da minha amiga, **Flores Astrais** que é artista e produtora, travesti e co-articuladora do movimento *Themônias* de artes e vanguarda na Amazônia, me pediu que criasse um *look* que pudesse remeter à uma estética extraterrestre/não-humana, mas que não fosse uma imagem estereotipada de um ser extraterrestre, e sem precisar sair da minha identidade com as espumas. Flores estava usando algumas peças de “Casulo” de maneira diferente da fragilizada pelo corpo. Também estava usando o calçado bolor. Já o artista e modelo, **Noah Aracati**, não precisou usar nenhuma peça “Casulo”, apenas coloquei acúmulos de espumas sobre seu corpo e amarrei com fio barbante do quadril até os pés. Tanto Flores quanto o artista e modelo, Noah, tiveram seus corpos pintados de branco com pomada de queimadura para que projetasse uma tonalidade parecida a das espumas.

Figura 40: Casamento 2022.



Fonte: Paulo Evander - Link: [https://www.instagram.com/p/CgJy9R10iEW/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CgJy9R10iEW/?img_index=1)

Figura 41: Casamento 2022.



Fonte: Paulo Evander - Link: [https://www.instagram.com/p/CgJy9R1OiEW/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CgJy9R1OiEW/?img_index=1)

### 3.4 PROLIFERAÇÃO

Em outro momento do meu trabalho, durante uma viagem em São Paulo, criei as peças “Proliferação”. Pedacos de espumas que se parecem com as peças de “Casulo”, só que em proporções maiores. Elas foram criadas para serem utilizadas em um ensaio fotográfico-editorial de moda dirigido por mim. As peças, “Proliferação”, serviram como vestimentas que ocuparam o corpo da artista visual, **Atenna Bovo Stella**<sup>4</sup>. Também de, **Iúna Mariá**<sup>5</sup>. Na fotografia tive ajuda de **Paule Marques**<sup>6</sup>, responsável pelos registros das imagens.

---

<sup>4</sup> Dj, roteirista e modelo.

<sup>5</sup> Artista visual, ilustradora e modelo.

<sup>6</sup> Artista Visual e fotografa.

Figura 42: Proliferação, 2022.



Fonte: Paule Marques Link: [https://www.instagram.com/p/Cm6kF8VOPij/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/Cm6kF8VOPij/?img_index=1)

As peças "Proliferação" demonstrou um pouco das possibilidades híbridas que pode haver com as espumas, e principalmente pelas peças que criei. De princípio, era para serem peças para ocupar espaço, mas acabaram tornando-se peças em corpos, também. Sinto que nesse trabalho não se trata mais de uma experimentação sem rumo, tampouco um acaso, mas algo que foi direcionado, premeditado e com expectativa. Não que isto invalide ou diminua a potência poética que as peças possam ter, mas reconheço que assim como "Casulo", tem o potencial de ocupar corpo e espaço, "Proliferação" também tende a estar em momentos não só das artes.

Figura 43: Proliferação, 2022



Fonte: Paule Marques. Link: [https://www.instagram.com/p/Cm6kF8VOPij/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/Cm6kF8VOPij/?img_index=1)

Figura 44: Proliferação, 2022.



Fonte: Paule Marques. Link: [https://www.instagram.com/p/CoYAQBcJuai/?img\\_index=2](https://www.instagram.com/p/CoYAQBcJuai/?img_index=2)

Fonte: Paule Marques. Link: [https://www.instagram.com/p/Cm6kF8VOpij/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/Cm6kF8VOpij/?img_index=1)  
Figura 45: Proliferação, 2022.



Fonte: Paule Marques - Link: [https://www.instagram.com/p/CoYAOBcJuai/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CoYAOBcJuai/?img_index=1)

### 3.5 MOFO

Durante a viagem, no mesmo período que estava em São Paulo, também estive no Rio de Janeiro, onde aconteceu meu primeiro *live-show* pelo coletivo *ACTA*, de São Paulo. Durante o festival “**Novas Frequências**”, na galeria “*Refresco*”, em novembro de 2022. No *live-show*, apresentei um pouco do meu projeto chamado, “*Mofó*”, um álbum de quatorze músicas instrumentais, que envolve os experimentos visuais desta pesquisa, em uma apresentação performática.

Figura 46: Live Acta (MOFO).  
Festival Novas Frequências, RJ. 2022.



Fonte: Hildemar -  
Link: [https://www.instagram.com/p/Cl6G2zjuzjG/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/Cl6G2zjuzjG/?img_index=1)

No festival “Novas Frequências”, performei com experimentos com espuma, ao som de algumas demos do álbum. Mas horas antes do meu show começar, precisei me organizar para agilizar na produção que iria apresentar. Então coloquei as espumas abaixo da cintura e amarrei com fio barbantes para que moldassem a aparência de um corpo meta-humano (metade humano e não humano), e em meu abdômen, por sob as espumas, depus um saco de trigo que seria rasgado durante a performance. Assim como no meu corpo, criei também um carneiro de espumas que continha um 1kg de farinha de trigo, dentro da sua barriga para ser rasgado no ato, levei comigo alguns pedaços de “Proliferação/Casulo” que ficaram pendurados em ganchos da geleira.

A apresentação se iniciou com uma instrução, ruído e berros de carneiros que ecoavam por todo o espaço da galeria. Neste instante, levei comigo o carneiro de espuma e as peças “Casulo/Proliferação” e as pendurei em dois ganchos da galeria que mantive em uma posição de sacrifício, para logo mais serem destruídas em performance. Quando as músicas ecoavam em público, meu corpo se desgovernava, entrava em um estado de revolta ao ponto de destruir tudo que havia na minha frente. Ainda em performance, o carneiro e as peças continuaram presas em ganchos, esperavam o momento ideal para serem destruídas no palco, foi quando a melodia ecoou mais alto, e a destruição se estabeleceu. Logo as peças penduradas foram cortadas como papel, e o carneiro aberto com uma tesoura, despejando o trigo da sua barriga sobre todo meu corpo. E por último, o sacrificio, a retirada do saco de trigo do meu abdômen, sob perfurações que rasgavam ele, jorrando o trigo ao chão feito sangue de ferida aberta.

O álbum “Mofo” vai além de experiência sonora, ele propõe um espetáculo que apresenta alguns experimentos com espumas durante uma performance, é como se todos os experimentos desta pesquisa fossem apresentados em uma compilação, só que em performance-palcos-plataformas.

“Mofo”, não foi meu primeiro trabalho a ser materializado, mas um dos primeiros a ser iniciados, logo no início dos experimentos com espumas. Pois já sentia o desejo de produzir um álbum de músicas que fosse possível relacioná-lo aos experimentos com as espumas, mas até então não se sabia como e quando. Foi durante o decorrer da produção que notei as possibilidades dos experimentados serem remanejadas para um projeto de musical-visual, que pudesse levar todos os experimentos com ele, dando continuidade como uma forma de estudo e experimento que abraçasse as minhas produções como um todo, sem isolar nenhum trabalho. Além de se tornar um álbum musical-visual, percebi que ele se tornou também o princípio dos meus experimentos, ao longo da criação foram se construindo sem perceber um universo dedicado ao projeto “Mofo”.

Figura 47: Live Act (MOFO),  
Festival Novas Frequências, RJ. 2022.



Fonte: Hildemar -  
Link: [https://www.instagram.com/p/CnmaAZIOEMS/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CnmaAZIOEMS/?img_index=1)

Com meu corpo completamente dominado pelo trigo, não se enxergava nada além do branco no meu corpo, já não existia eu ali, naquele momento foi o “Mofo”, já havia se proliferado por todo corpo e espaço.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A idealização corpo em fluxo, me surge como uma descoberta durante uma jornada que se experimentava as “espumas siliconadas” como matéria prima, para materializar desejos desse corpo. Logo, formou-se uma quantidade de experimentos, que expandiu-se em diversas possibilidades para se experimentar. Mostrou-se um material híbrida, capaz de materializar não só desejos, mas ocupar corpo e espaço.

Importante dizer, que nesta pesquisa, se revelou um corpo em fluxo que descobriu o mínimo de si, comparado a sua capacidade máxima de criar. Alcançou um menor ponto de entendimento ao atingir o ápice da incompreensão de si, reverberou uma enorme lacuna para se debruçar em possibilidades que poderiam haver dentro de si, um corpo incomum e diferente de finalidades e normatividades do universo. Foi durante a busca iminente e compulsiva para se descobrir e a conhecer mais sobre mim, que se acumulou um corpo cheio dos atravessamentos com questionamentos como estes: O que torna meu corpo indiferente daquilo que é comum? Quais finalidades poderia ter um corpo incomum? O que esse corpo tem de relevante para oferecer? Embora ainda esses questionamentos transitem em mim, não encontrei respostas diretas e polidas que possa respondê-las de maneira precisa e diretas. Mas percebo que fui muito além de uma busca iminente por respostas, consegui atingir um fluxo que me levou para um pico de sub-atividades-reflexões, onde foi possível vivenciar-experimentar aquilo que motivou a descobrir um corpo que até então não existia em mim; a me questionar enquanto um corpo em fluxo que ainda não se conhece.

No devaneio pela busca de mim: Me descobrir, me alcançar e me encontrar, notei o fluxo no meu corpo como uma movimentação que não me permitia parar, no sentido de não me imobilizar a uma única possibilidade de pensar ou agir, sobre

o que tenho refletindo e criado para esta pesquisa. No memorial foi possível estabelecer a minha libertação enquanto um corpo que estava apegado ao mundo real, aprendi a materializar minha própria idealização de realidade e existência que acredito, e pude manter um contato comigo mesmo ao descobrir a capacidade mínima que um corpo em fluxo pode ter, ou seja, o que foi explorado aqui até então. Não foi meu limite, mas sim o menino, na capacidade de experimentar-materializar. Passei a notar o meu mínimo com grandeza, mesmo que ele fosse o menor em gesto e sentido possível, ele tornou o meu máximo, comparado a possibilidades gigantes que ainda irei descobrir a partir dessa pesquisa.

Continuei a seguir em fluxo para descobrir o outro lado de mim. Mesmo não enxergando meus próximos passos, continuei seguindo o fluxo, mas consciente de que tudo poderia acontecer em deriva, inclusive, o perigo de naufragar durante travessia para descobrir o que há do outro lado. Mergulhei num limbo muito escuro, onde a única luz que poderia existir refletia o meu corpo, e nesse percurso de atravessamento para se descobrir um corpo, foram se desdobrando rastros pelo caminho, que evidencializavam matérias em formas de experimentos, comprovando a potência e existência desse corpo sobre seus passos em criações. Dito isso, resquícios de matéria branca e espumosas se acumularam, até se tornarem um dos princípios da materialização dessa pesquisa, se compuseram em palavras, ocupando também corpos e espaços. Se tornaram parte do corpo dessa pesquisa até se formarem um grande acervo de experimentos, para além de uma exclusividade das artes visuais.

Se provou o fluxo no corpo a partir de relatos e experimentos realizados durante o tempo que se pesquisou e experimentou o corpo e o seu fazer artístico. É possível acompanhar neste memorial, os trajetos percorridos por ele, os atravessamentos que estimularam o corpo a continuar, a tentar criar-experimentar ainda mais coisas. Revelam não apenas a possibilidade de um corpo em fluxo, mas também o que há por trás de mim, a descoberta de um corpo que tem a facilidade de

criar e experimentar coisa, se tornou a potência mais evidente neste memorial. Embora, esse corpo em fluxo funcione no agora e em situações do acaso, ele reflete constantemente para o futuro, contendo a possibilidade de ir e vir quando quiser, durante o ato de movimentação que permitiu revisitar-resgatar-transmutar experimentos, não permitindo trabalhos mobilizados, mas sempre em manutenção e restauração.

Me esbarrei na possibilidade do hoje, mas sabendo que são passageiras, e logo no dia seguinte estarei em outro lugar, talvez em um momento diferente de ontem. Me apeguei no agora porque percebi um tempo indeterminado sobre tudo que experimento e materializo. No início da pesquisa, não se imaginava a dimensão do atravessamento e expansão poética que se tornaria um dia, e, ao longo dela, foi se descobrindo a potência da materialização dos desejos, que evidencializaram a existência desse trabalho, possibilitando também a ultrapassar os diversos campos das artes - brincar de misturar as linguagens artísticas, em até que se alcançasse hibridismo neste trabalho.

Nesse momento das considerações finais eu me pergunto: Olhando para a trajetória que se estabeleceu nesta pesquisa, até onde eu conseguiria chegar com esse corpo e trabalho? Deixo a seguir uma foto performance registrado pela artista e fotografa Renata, em 2018, que permitiu me teletransportar para uma época que iniciava minha trajetória como artista, inclusive, a relembrar dos meus primeiros experimentos com o corpo. Me faz revisitar uma trajetória de criações e experimentos que foi se estabelecendo com o passar do tempo, mas também acessar uma memória de um corpo desejador. A partir do corpo-registro daquela época, pergunto olhando pra mim hoje, se eu consegui materializar aquilo que um dia eu desejei me tornar. Minha resposta enquanto considerações finais será esta fotoperformance. Ela demonstra não só o caminho percorrido até esta pesquisa, como também, uma trajetória artística do corpo que materializou o que desejou se tornar um dia.

Figura 48: Orgânico, Local Nazaré do Mocajuba, Curuçá, 2018.



Fonte: Renata Moreira, 2018.

## REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 4. São Paulo: Ed. 34, 1997.

\_\_\_\_\_, Gilles: **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

FARINA, Cynthia. **Mutação da sensível. A arte descolocada e o corpo desincorporado**. Rev. de Artes Visuais. 18 (30) Porto Alegre, June 2012. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/332744460> **Mutacoes do sensível A arte deslocalizada e o corpo desincorporado**. Acesso em: 28/05/2023.

ZOURABICHVILLI, François. **O que é um devir para Gilles Deleuze? (Parte 1)**. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2019/12/09/o-que-e-um-devir-para-gilles-deleuze-parte-1-por-francois-zourabichvili/>. Acesso em: 19/06/2023.